

Paternidade: O lugar ocupado pelo pai nos cuidados e desenvolvimento da criança.

Rosilene Sessin de Fraga

Orientador da Dissertação:

Professor Doutor Pedro Alexandre Costa

Coordenadora do Seminário de Dissertação:

Professora Doutora Isabel Leal

Dissertação submetida como requisito parcial para a obtenção do grau de:

Mestre em Psicologia

Especialidade em Psicologia da Saúde

2020/2021

Dissertação de Mestrado realizada sob a orientação do Professor Doutor Pedro Alexandre Costa, apresentada no ISPA – Instituto Universitário para obtenção de grau de Mestre na especialidade de Psicologia da Saúde.

Agradecimentos

Ao longo desse período de investimento e dedicação ao mestrado, muitas pessoas foram importantes e contribuíram para o desenvolvimento deste trabalho.

Os meus primeiros agradecimentos são para os pacientes que eu acompanhei durante dois anos, em um trabalho de psicoterapia de grupo no Instituto de Psiquiatria da Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo. Neste trabalho, eu acompanhava familiares de pacientes psicóticos que eram atendidos naquele serviço, em sua grande maioria mães, e foi nesta experiência que nasceu a vontade de ouvir mais os pais, e estudar a vivência da paternidade. Também gostaria de agradecer imensamente aos oitos entrevistados que participaram voluntariamente do estudo. Foram todos muito disponíveis para contribuir com seus depoimentos emocionantes. Agradeço muito a confiança depositada em mim, uma estranha, em prol do desenvolvimento da Psicologia e da sociedade.

Outros três pais fazem parte do meu agradecimento. Meu irmão, Valter, pai ainda muito jovem, e que tanto faz falta para sua filhota, e para todos que o amavam. Meu pai, Valter, que nos deixou recentemente, e que também nos faz muita falta. E o meu amor e companheiro, Bernardino, que é um pai exemplar, e que eu tanto o admiro por isso.

Agradecer a minha família, os que estão comigo aqui em Portugal, Bernardino e Matilde, que sempre estiveram ao meu lado, apoiando-me, nas tantas horas e mais horas de estudos, finais de semana inteiros e consecutivos sem lazer ou descanso. E os que estão no Brasil, minha mãe, Maria, minha irmã, Rosana, e minha sobrinha, Maria Eduarda, três mulheres incríveis, que a distância, cada uma à sua maneira, transmitiram-me amor e confiança.

Minha amiga do coração, Gabriela, presente que eu ganhei neste mestrado. Construimos uma amizade linda, pautada em muita admiração, confiança e amor. Senti muito seu apoio, carinho, disponibilidade para me ouvir, e falar de você, e isso me deu muita força.

E por fim, meu agradecimento ao professor Pedro, meu orientador. Seu modelo de trabalho é o que eu realmente acredito e valorizo para a educação. Um modelo participativo, de construção conjunta, com espaço para o diálogo, exigente e paciente, com muito respeito e valorização das diferentes experiências. Sinto-me muito grata por tê-lo encontrado no meu caminho aqui em Portugal.

Resumo

O presente estudo buscou caracterizar a vivência da paternidade em Portugal na atualidade, nos seus aspectos mais subjetivos. Tal conhecimento se faz útil, para clarificarmos a singularidade dessa experiência entre os homens e podermos contribuir para acelerar as mudanças de estereótipos sociais e culturais. Trata-se de um estudo qualitativo, onde foram realizadas entrevistas semiestruturadas com oito homens portugueses, entre os 38 e os 45 anos, casados ou em união de fato com uma mulher, com um/a filho/a entre 3 e 10 anos de idade. A análise dos dados foi desenvolvida com o método de Análise Temática. A partir dos resultados apresentados, pode-se visualizar mudanças no exercício e vivência da paternidade na atualidade em Portugal. Essas mudanças se referem principalmente ao lugar ocupado pelo pai nos cuidados e no desenvolvimento da criança. Dentro da amostra estudada, os pais ocupam o lugar de cuidadores, sem deixar de serem provedores. Ou seja, pais e mães ocupam lugares próximos no exercício da parentalidade, como cuidadores e provedores, dividindo esses papéis, que outrora, socialmente e culturalmente eram rigorosamente separados. Com isso, aspectos relacionados a vivência individual da paternidade, a relação e os cuidados com a criança, o papel da mãe, a relação coparental, a gestão familiar e a conciliação com as carreiras de ambos, pai e mãe, desenvolvem-se em uma dinâmica e contexto de desconstrução de estereótipos de gênero.

Palavras-chave: coparentalidade, gênero, pai cuidador e provedor, conciliação carreira e paternidade.

Abstract

The purpose of the current study was to characterize the experience of fatherhood in Portugal today, in its subjective aspects. This knowledge is useful to clarify the uniqueness of this experience among men, and to contribute to accelerating changes in social and cultural stereotypes. This is a qualitative study, with semi-structured interviews realized with eight Portuguese men, between 38 and 45 years old, married or in common-law marriage with a woman, with a child between 3 and 10 years old. Data analysis was developed using the Thematic Analysis method. From the results obtained, it is possible to visualize changes in the exercise and experience of fatherhood today in Portugal. These changes highlight the role played by the father in the child's care and development. Within the studied sample, parents occupy the role of caregivers, without ceasing to be providers. In other words, fathers and mothers occupy close places in the exercise of parenting, as caregivers and providers, sharing these roles, which in the past, socially and culturally were strictly separated. With this, aspects related to the individual experience of fatherhood, the relationship and care with the child, the role of the mother, the coparental relationship, family management and reconciliation with the careers of both father and mother, develop in a dynamics and context of deconstruction of gender stereotypes.

Keywords: coparenting, gender, caregiver and provider father, career and paternity conciliation.

Índice

Introdução	7
Enquadramento Teórico	9
Aspectos emocionais da paternidade	9
Questões de gênero	10
Coparentalidade	11
Saúde.....	13
Conciliação com a carreira.....	14
Contexto Português	16
Presente estudo.....	19
Método.....	20
Desenho de Investigação.....	20
Participantes	20
Instrumentos.....	20
Procedimentos	21
Plano de Análise	23
Resultados.....	25
Prazer e realização no exercício da parentalidade.	25
A mulher tem algo que o homem não tem no exercício da parentalidade.	27
O pai é competente no cuidar.....	28

Ser pai e ser mãe são coisas diferentes, mas ambos são importantes e necessários.	30
Pai e mãe presentes e atuantes, com colaboração mútua, em uma real flexibilização dos estereótipos de gênero.	31
Paternidade e carreira profissional, ambos são importantes, e difíceis de conciliar.	34
Saúde e Qualidade de Vida	35
Discussão	37
Considerações Finais	44
Limitações	44
Referências	46
Anexos	53
Anexo A	53
Anexo B	54
Anexo C	55

Introdução

A parentalidade é um termo que passou a ser mais utilizado a partir dos anos 1980, para atender novas demandas de nomeação das relações de filiação, de forma mais plural e condizente com as reconfigurações familiares, para além do modelo de família tradicional nuclear heterossexual, até então maioritariamente existente. Em linhas gerais, refere-se às relações estabelecidas entre pessoas que cuidam de outras pessoas, a partir de um laço socialmente representado como de pai/mãe e filhos. Trata-se de uma relação que promove cuidados físicos, psíquicos e sociais, oferecendo segurança, educação e desenvolvimento (Barroso & Machado, 2010; Iaconelli, 2020; Souza, 2018).

Como a maioria das experiências humanas, o exercício da parentalidade é bastante complexo, vivido e influenciado por um conjunto de variáveis e referenciais físicos, psíquicos, sociais e culturais (Moro, 2017). Trata-se de uma mudança significativa na vida de homens e mulheres, que pode ser prazerosa e feliz, mas também promotora de sofrimento. Contudo, observam-se presentes fantasias e expectativas idealizadas em relação a si, ao/a companheiro/a e ao/a filho/a. Entretanto, na operacionalização diária, não são viáveis os modelos idealizados no imaginário individual e social, tornando-se difícil, ou até mesmo impossível, algumas práticas, ocasionando frustração, sensação de despreparo, cansaço, culpa, e adoecimento físico e mental (Iacionelli, 2019).

Mesmo reconhecendo que a parentalidade é algo almejado por homens e mulheres, os pais ainda ocupam um lugar secundário nos cuidados e desenvolvimento das crianças (Cesar, Oliveira & Fontaine, 2020; Visentin & Lhullier, 2019). Socialmente, os pais não são espontaneamente envolvidos nas decisões e práticas relacionadas aos seus filhos, às mães é atribuída a responsabilidade, e são elas quem são consultadas (Nygren, Walsh, Ellingsen, & Christie, 2018). Muitas vezes, os próprios homens se colocam em um lugar secundário na parentalidade, sendo isso expresso em seus discursos (Perälä-Littunen, 2018). Além disso, a reivindicação do pai por mais espaço na tríade pai-mãe-filho é motivo de conflito na relação coparental (Favez, Tissot, Frascarolo, Stiefel & Despland, 2016; Schmidt, Schoppe-Sullivan, Frizzo & Piccinini, 2021).

Quais são as razões para tal? Por que os homens ainda estão neste lugar secundário? A paternidade ainda tem grande carência de estudos, comparativamente à maternidade (Fisher,

2016; Silva, Gabriel, Cherer, & Piccinini, 2017). De qualquer forma, vê-se gradativamente, com todas as mudanças sociais, o quanto eles almejam também serem reconhecidos por suas competências nos cuidados das crianças. Em algumas situações, inclusive disputam o lugar de destaque e reconhecimento atribuído historicamente às mães. Mas um dos desafios apontados pelos homens, é a dificuldade na conciliação da carreira e da paternidade, sendo o pouco tempo dedicado ao filho, em função do trabalho, uma razão de preocupação (Jones, Wells, Imrie, & Golombok, 2021; Perälä-Littunen, 2018).

Estudar a paternidade traz ganhos para a saúde mental dos homens, em suas funções de pais e trabalhadores, para o desenvolvimento dos filhos/as, para as mulheres também em suas funções de mães e trabalhadoras, e para os casais, tanto na relação conjugal, quanto coparental (Fisher, 2016; McDaniel, Teti & Feinberg, 2018). Sendo assim, o presente estudo, por meio de abordagem qualitativa, ouviu os pais, e a partir de seus contextos, buscou caracterizar a vivência da paternidade em Portugal na atualidade, nos seus aspectos mais subjetivos.

Enquadramento Teórico

Aspectos emocionais da paternidade

Um estudo português sobre a transição para a paternidade aponta que, a maioria dos homens demonstram ter o desejo pela paternidade desde a juventude, sendo isto demonstrado como algo que concretizará a construção de uma família (Cunha, 2010). Mesmo apresentando o desejo pela paternidade, trata-se de uma experiência que impacta o psiquismo e a subjetividade dos pais (Fiorini, 2017), por ser intensa e ambivalente, permeada por expectativas positivas, mas também preocupações e medos (Krob, Piccinini & Silva, 2009; Silva, Pinto, & Martins, 2021).

A vivência da paternidade promove um reposicionamento psíquico dos pais, porque precisam deixar de investir em si, para passar a investir na criança. Há uma reorganização do tempo e do espaço para a chegada da criança, que implica em perdas, tanto nos aspectos individuais, quanto conjugais, e que podem ser vividas como luto. Deixa-se de ser um pouco filho para passar a ser pai, põe-se a criança no centro das atenções da família, exigindo do pai, um posicionamento de cuidado, proteção e planejamento do futuro, outrora ocupado pelo seu pai (agora avô), em relação a si (Cherer, Ferrari & Piccinini, 2018; Krob et al., 2009; Silva et al., 2021).

Diante dessa mudança tão impactante, pensamentos negativos estão presentes nos pais. Altas expectativas quanto a paternidade, necessidades de ser um pai perfeito, medo de morrer ou sensação eminente de tragédia, assim como aumento da responsabilidade, sentimento de ser incompreendido, avaliação negativa de sua condição atual, e temores relativos à segurança da criança. Esses pensamentos podem ser transitórios e parte do processo de adaptação que estão vivendo (Wroe, Campbell, Fletcher & McLoughland, 2019).

Trata-se de uma vivência psicologicamente desafiadora, e os cuidados aos pais, na maioria das situações, são inexistentes e negligenciados pelos serviços de saúde, e por seus contextos familiares, acarretando vulnerabilidade (Silva et al., 2021; Trindade, Cortez, Dornelas, & Santos, 2019). Oferecer espaços e práticas que ajudem os homens a exercer a paternidade com mais tranquilidade, parecem ser cada vez mais necessários na contemporaneidade, principalmente quanto à renovação do papel paterno nas novas gerações (Warren, 2020).

Questões de gênero

Homens e mulheres vivem a experiência da parentalidade de formas diferentes. A gestação e a amamentação marcam inicialmente essa diferença (sem aprofundar nos aspectos das pessoas transgêneros). Além disso, representações sociais e culturais, dos papéis de pai e mãe, de homem e mulher, e dos significados de masculino e feminino, permeiam a experiência permanentemente (Dunker, 2020; Iaconelli, 2020). Neste âmbito, mudanças significativas nas últimas décadas, relacionadas especialmente às questões de gênero, vêm promovendo transformações nestes papéis (Quinet, 2020). A diferença fundante e histórica, atribuída à mãe como cuidadora e ao pai como provedor já não é mais universal, e novos modelos de maternidade e paternidade emergem socialmente e culturalmente (Monteiro, Torres, & Salinas-Quiroz, 2019).

Segundo a filósofa Elisabeth Badinter, o fim do patriarcado, a evolução para mais igualdade de gênero e a inserção das mães no mercado de trabalho, provocaram a necessidade dos pais se ocuparem também dos filhos. À medida que essa nova realidade social vai se concretizando, os homens experimentam, ora por necessidade, mas também por desejo, novas formas de serem pais, e passam a usufruir dos ganhos desencadeados por esta mudança no exercício da paternidade, chegando atualmente, em um modelo renovado de pai.

O fim do patriarcado marca o princípio de uma paternidade absolutamente nova. O homem reconciliado não tem qualquer semelhança com o pai antanho. O patriarcado encarnava a lei, a autoridade, a distância, mas foi dada pouca atenção ao fato de o patriarcado se definir também pelo abandono dos bebês pelos pais. Impunha-se por si que a criança de peito era propriedade exclusiva da mãe. O começo da vida desenrolava-se, pois, na quase ignorância do pai. O desaparecimento progressivo do patriarcado e as investigações empreendidas nos últimos vinte anos fazem surgir uma imagem completamente diferente do pai e da sua função (Badinter, 1996, p. 221).

O psicanalista Rafael Cossi (2020), também refere a revolução feminista como o grande propulsor da mudança do papel dos pais, provocando a crise da masculinidade hegemônica, e o declínio do modelo de família burguesa patriarcal, e com isso a experiência da paternidade se modifica, convocando os pais para que sejam mais presentes nos cuidados e no desenvolvimento dos filhos.

As conquistas das mulheres promovem uma grande mudança social e familiar, desencadeando ganhos para elas próprias, para as crianças e para os homens (Badinter, 1996; Roudinesco, 2003). No caso deles, principal objeto de estudo deste trabalho, essa realidade

oportuniza desconstruir não só o papel de pai, mas também de homem, cônjuge e profissional, permitindo a possibilidade de construir relações mais significativas e prazerosas, tanto com o/a filho/a, quanto com cônjuge, e o trabalho, além de se fortalecerem como homens mais realizados a partir de seu desejo e suas escolhas (Cossi, 2020; Iaconelli, 2019).

A mulher que deixa de ter o espaço doméstico como única responsabilidade, seja por escolha, ou por necessidade, para assumir outras funções sociais, abre espaço de falta dentro do ambiente doméstico e familiar. Diante da falta dela, quem ocupará esse lugar e fará o que ela fazia? Para a psicanálise, a falta pode ser mobilizadora de mudanças, motor de criatividade e busca por novas configurações (Roudinesco & Plon, 1998). Com essa falta, há a necessidade de que outro, ou outros, ocupem estes espaços, e exerçam estas funções anteriormente exercidas quase exclusivamente pela mulher, exigindo algum movimento da estrutura familiar e dos indivíduos nela integrantes, promovendo mudanças nas relações (Monteiro et al., 2019).

Em famílias de duplo-emprego, um maior envolvimento do pai seria atribuído (em parte) à pressão criada pelo trabalho materno. Nestas famílias há que encontrar um equilíbrio entre as esferas profissional e familiar, em particular, no que se refere aos cuidados da criança, sendo uma maior contribuição do homem neste domínio (p. 100).

A gestão conjunta da realidade familiar, traz necessidades e oportunidades, e possibilita pais mais presentes e engajados com os cuidados e o desenvolvimento das crianças.

Coparentalidade

Segundo Feinberg (2003), a coparentalidade é a forma como as figuras parentais se relacionam no exercício da parentalidade. Ela se dá, quando estas figuras compartilham responsabilidades, apoiam-se e coordenam conjuntamente a prática da parentalidade. O relacionamento conjugal, em todos os seus aspectos, sexuais, emocionais, financeiros e legais, não integram diretamente o conceito. O autor ainda alerta que a relação conjugal não determina a coparentalidade, mas a influencia.

O mesmo autor propõe um modelo ecológico sobre coparentalidade, com quatro componentes sobrepostos e interligados, são eles: acordo nas práticas parentais, divisão do trabalho, valorização ou depreciação, e gestão familiar conjunta (Feinberg, 2003). O primeiro se refere ao nível de concordância entre os pais quanto ao que se relaciona à criança em aspectos como valores, comportamentos, limites, emoções, percurso escolar e educacional, segurança, e relação com os pares. O segundo alude à divisão de tarefas relativas à criança, tanto as diárias

(domésticas, cuidados e escolares), quanto as tarefas contínuas (financeiras, legais e de saúde). O terceiro, destaca o apoio, afirmação, respeito e valorização da conduta e autoridade com a criança de um dos pais para com o outro. E por fim, o quarto, refere-se à gestão conjunta das interações familiares, como os pais interagem e se comunicam um com o outro, a forma como envolvem a criança, e o lugar que cada um ocupa na tríade. Além dos quatro componentes, o modelo, em sua dimensão ecológica, destaca o contexto influenciando e sendo influenciado pela relação coparental, com variáveis individuais, familiares (incluindo a conjugabilidade) e extrafamiliares (Feinberg, 2003; Lamela, Nunes-Costa, & Figueiredo, 2010).

Lamela et al. (2010) recomendam maior aprofundamento para os modelos teóricos de coparentalidade na variável individual, com destaque para as características psicológicas dos pais, como comportamentos, emoções e representações, e a influência destes no exercício da parentalidade e na relação coparental, sendo isso abordado a seguir.

Segundo McDaniel et al. (2018), em um estudo que avaliava os preditores diários para a qualidade da coparentalidade para mães e pais, confirmaram que a coparentalidade é multideterminada pelo contexto, pelas características dos pais e da criança. Adicionalmente, identificaram que as ocorrências da vida cotidiana influenciam na coparentalidade, e as principais ocorrências diárias estão ligadas à qualidade da relação conjugal, ao humor e ao estresse dos pais e mães, e horas de trabalho dos pais. Apontaram ainda que um acúmulo de estressores e dificuldades diárias pode ser particularmente prejudiciais para a capacidade dos pais de cooperar uns com os outros e coordenar a criação dos filhos juntos diariamente.

Senso de competência e crenças sobre os papéis parentais também são apontados como importantes preditores para o engajamento dos pais com a criança e para uma boa relação coparental (Favez et al., 2016). A concordância ou discordância quanto à preponderância materna na tríade pai-mãe-filho é um fator importante. Há maior interação da mãe com o filho, sem a presença do pai, enquanto a interação do pai com o filho se dá majoritariamente na presença da mãe. Isso tende a mudar conforme a criança cresce. Se a mãe se sente competente e o pai permite a preeminência da mãe, há indicativos de menor conflito coparental. Se o pai se sente competente, e requer mais espaço na relação, maior conflito coparental se estabelece. (Favez et al., 2016; Schmidt et al., 2021). Fatores históricos e culturais, pautados no modelo patriarcal, quanto aos papéis parentais, dificultam a maior participação dos pais e mantém a supervalorização do cuidado materno para com a criança (Schmidt et al., 2021).

A aliança coparental e a qualidade da relação são fatores preditores da parentalidade, havendo diferenças entre os pais e as mães. Para os pais, mas não para as mães, a qualidade do relacionamento e a coparentalidade predizem o envolvimento paterno, mas, diferente das mães, a qualidade do relacionamento não prediz a coparentalidade. Ou seja, para os pais, a aliança coparental é o principal preditor do envolvimento paterno, mais do que a relação conjugal. Varga, Gee, Rivera & Reyes (2014). Também, o envolvimento dos pais e a coparentalidade se associam com a redução do impacto negativo de ter um filho no relacionamento conjugal (McClain & Brown, 2017). Adicionalmente, para os pais, vivenciar com as mães uma relação coparental positiva, é preditivo para união conjugal estável e duradoura (Cho, Cui, & Claridge, 2020).

Dificuldades e conflitos na relação coparental são considerados parte do processo de aprendizagem e ajustamento, necessários ao longo da parentalidade, já que a cada fase de desenvolvimento da criança, novas necessidades surgem. Porém, é necessário que haja espaço de negociação entre os pais, para encontrarem algum nível de concordância, e que não evoluam para um crescente, e duradouro, conflito coparental (Favez et al., 2016; Schmidt et al., 2021).

Saúde

Os homens também adoecem por causa da paternidade. A depressão no período pré-natal e pós-parto não acomete somente as mães, mas também os pais. Em uma revisão sistemática sobre depressão pós-parto, que buscou elucidar os fatores associados à depressão em pais (homens), apontou que os fatores de risco para depressão pós-parto materna e paterna são maioritariamente semelhantes. São fatores de risco comuns: idade, nível de escolaridade, suporte social, gravidez não planejada, temperamento do bebê, estresse parental e competência percebida, qualidade do relacionamento com o cônjuge, perda do bebê durante a gravidez e história prévia de depressão. Além destes, a depressão pós-parto paterna também é afetada por fatores como, adaptação à cultura em que vive, etnia, número de pessoas residentes dependentes em casa, residência em alojamento alugado, situação econômica e desemprego (Tarsuslu, Durat, Altinkaynak, 2020).

A trajetória dos sintomas depressivos de mães e pais, desde o pré-natal até dois anos após o nascimento, têm percursos que se assemelham, em frequência e estabilidade, nos níveis leves ou moderados de sintomas. No entanto, há aumento, entre os três e oito meses de vida do filho, nos pais com níveis graves de sintomas, o mesmo não acontecendo com as mães. Os

desafios para conciliar trabalho e família são a principal razão identificada para tal, já que é o momento em que muitas mães estão voltando ao trabalho, e isso impacta a rotina familiar. Outro dado relevante é que há significativa correlação entre a depressão de um dos pais ser um fator de risco para a depressão no outro, recomendando a necessidade de cuidado e acompanhamento de ambos (Kiviruusu, Pietikäinen, Kylliäinen, Pölkki, Saarenpää-Heikkilä, Marttunen, Paunio, & Paavonen, 2019).

Um estudo realizado com a população coreana, explorou a relação entre o sofrimento psicológico em pais de crianças em idade pré-escolar e o envolvimento dos mesmos nos cuidados com os filhos. O estudo apontou que 22,8% dos pais e 30,3% das mães, apresentavam sofrimento psíquico significativo. A qualidade e quantidade do envolvimento dos pais nos cuidados com os filhos é altamente influenciada por fatores como, nível de educação, religião, tabagismo e idade, e ainda, a quantidade foi impactada pela frequência de consumo de álcool, e a qualidade, pela renda familiar. Constatou-se que o maior número de horas de trabalho dos pais desencadeia maior sofrimento psíquico paterno e materno, e menor qualidade e quantidade do envolvimento dos pais no cuidado dos filhos, ou seja, as longas horas de trabalho reduzem o tempo disponível para ficar com a família, dificultando assim a capacidade dos pais de participarem dos cuidados com os filhos. Por fim, o sofrimento psicológico paterno foi significativamente correlacionado com o sofrimento psicológico materno, e influenciou a qualidade e a quantidade do envolvimento dos pais nos cuidados com os filhos (Chu & Lee, 2019).

Segundo Fisher (2016), a saúde mental dos pais pode ser influenciada por diversos fatores, a saber: genéticos, psicológicos, socioambientais, e biológicos, e influencia diretamente a forma como vive a paternidade, a relação com o filho, e também o pleno desenvolvimento da criança, incluindo a saúde mental, a estabilidade do contexto familiar, a relação coparental, a relação conjugal, e outras funções sociais, como o trabalho. Tanto no período inicial, quanto ao longo da infância, a vivência da paternidade pode ser acompanhada de sofrimento, e/ou adoecimento psíquico. Um importante fator agravante para a saúde mental dos pais é a conciliação com a carreira, o que será abordado a seguir.

Conciliação com a carreira

Na atualidade, o desafio de conciliar carreira e trabalho é algo presente na vida dos homens, que cada vez mais assumem o papel de cuidadores, mantendo também o papel de

provedores, compartilhando essas duas responsabilidades com suas companheiras e esposas (Holmes, Petts, Thomas, Robbins & Harry, 2020; Perälä-Littunen, 2018). Políticas públicas e empregadores são determinantes para a promoção de uma melhor conciliação entre carreira e paternidade (Haas & Hwang, 2019; Moran & Koslowski, 2019). Além disso, os estereótipos de masculinidade hegemônica e de trabalhador ideal (que prioriza o trabalho em detrimento de outros interesses) impactam negativamente a conciliação entre carreira e paternidade, e impedem os pais de assumirem um modelo de paternidade mais presente e cuidadora (Tanquerel & Grau-Grau, 2019). Estudos demonstram que pais que têm uma melhor conciliação de carreira e paternidade, conseguindo estar mais presentes na vida dos filhos, sendo pais cuidadores, desenvolvem relações parentais e coparentais mais fortes e afetuosas (Holmes et al., 2020; Petts & Knoester, 2020).

Haas & Hwang (2019) considerando o contexto europeu, apontam três fatores importantes para usufruto dos pais de políticas públicas de licenças parentais que podem contribuir para a melhor conciliação da carreira com a paternidade. O primeiro é a forma como as políticas são construídas, principalmente se são exclusivas de usufruto dos pais, ou são possíveis de serem partilhadas com as mães. O segundo é quanto ao empregador ser público ou privado, sendo o contexto público mais favorável do que o privado. E o terceiro se relaciona com as regras e valores informais enraizados na cultura e nas práticas do ambiente organizacional, como o modelo de trabalhador ideal sendo aquele que coloca o trabalho em primeira importância em detrimento de seus outros interesses, como a família, ou mesmo o trabalhador ter a responsabilidade de encontrar recursos e formas para o desenvolvimento do seu trabalho enquanto estiver de licença ou férias, ou mesmo o período de ausência ser definido priorizando os interesses do empregador, e não do trabalhador.

Considerando o contexto organizacional, outros fatores influenciam os pais em uma melhor conciliação entre trabalho e paternidade, a saber: o papel do gestor direto em apoiar ou desencorajar o funcionário em usar os benefícios previstos em lei ou ofertados pela empresa, o incentivo e apoio dos pares, a cultura organizacional, e as práticas de gênero dentro da empresa (Moran & Koslowski, 2019). Além disso, horário de trabalho com turnos irregulares parecem indicar maior conflito família e trabalho, e provocar sofrimento psíquico nos pais. (Zhao, Cooklin, Richardson, Strazdins, Butterworth & Leach, 2020).

De maneira geral, mesmo em ambientes organizacionais favoráveis para a conciliação da carreira com a paternidade cuidadora e presente, é percebido como difícil para os pais fazerem a conciliação e solicitarem, ou terem acesso, às práticas neste sentido. As práticas mais usuais, previstas em lei, são melhores aceitas e mais facilmente acessíveis. Já outras solicitações, como licenças parentais não atreladas exclusivamente à paternidade, são mais difíceis de serem concedidas. Mesmo com avanços ou em um ambiente favorável, os pais parecem ainda estar em um lugar de invisibilidade dentro das organizações (Haas & Hwang, 2019; Moran & Koslowski, 2019). Já em contextos organizacionais menos favoráveis, onde há risco e ameaças ao exercício profissional ou à perda do emprego, ambiente competitivo, onde muitas horas são necessárias para ser visto como um bom profissional, ou onde a masculinidade hegemônica é fundamental para a aceitação entre os colegas, priorizar o exercício da paternidade se torna muito difícil, pois coloca em risco, muitas vezes os rendimentos financeiros da família (McLaughlin & Muldoon, 2014).

Para Haas & Hwang (2019), a construção de melhores políticas públicas é determinante, pois “quando os pais têm direitos de licença bem remunerados, individualizados e intransferíveis, os empregadores percebem que precisam facilitar, mais do que em situações em que a licença dos pais pode ser transferida para as mães” (p. 17). Modelos de trabalho flexíveis devem ser ofertados para estimular os homens a assumirem modelos de paternidade presentes, e poderem encontrar equilíbrio entre trabalho e paternidade, sem serem estigmatizados ou prejudicados. As organizações devem mostrar apoio aos trabalhadores, apresentando oportunidades reais para os homens alcançarem suas aspirações em relação ao equilíbrio trabalho e família, reconhecendo que favorecer a vida pessoal dos funcionários é altamente benéfico para sua produtividade (Holmes et al., 2020).

A conciliação da carreira com a paternidade parece ser um obstáculo real na vida dos pais (pais e mães). Mais investimentos nesta área, públicos ou privados, poderão promover mais avanços sociais e culturais em relação a uma melhor conciliação, permitindo pais mais presentes, profissionais mais realizados, e conseqüentemente mais igualdade de gênero e melhores resultados nos negócios.

Contexto Português

Em Portugal, desde o fim do regime ditatorial em 25 de abril de 1974 e a entrada em vigor da nova constituição em 25 de abril de 1976, até os dias atuais, há importantes mudanças

quanto à vivência da parentalidade. Estas mudanças têm sido impulsionadas por políticas públicas que gradativamente vêm promovendo igualdade de gênero na sociedade, principalmente nos papéis sociais de homens e mulheres no ambiente familiar e profissional (Torres, 1996; Wall, 2010; Wall, 2015).

No que se refere ao contexto familiar, na constituição do Estado Novo, até 1974, apoiado ao modelo patriarcal, era designado ao homem, o papel de chefe de família, e à mulher, o de dona de casa. Isso teve repercussões importantes nas relações sociais, na cultura, nas representações, e conseqüentemente na parentalidade, delimitando papéis, sendo a paternidade restringida ao sustento financeiro, e a maternidade aos cuidados. A partir de 1976, as mudanças começaram a acontecer, inicialmente com políticas públicas voltadas às mulheres, e posteriormente, também aos homens, visando as mudanças de papéis no contexto familiar e na vivência da parentalidade, possibilitando maior igualdade. Dentre os principais meios para tal, estão alterações nas políticas públicas quanto ao divórcio, filiação, guarda dos filhos e a licença parental (Torres, 1996; Wall, 2015).

Até o final dos anos 1990, nas situações de divórcio, às mães era maioritariamente atribuída a guarda dos filhos, havendo, no entanto, a possibilidade de partilhar o poder parental com o pai. A partir de 1999, torna-se regra o compartilhamento do poder parental entre pai e mãe, sendo exceções decididas em tribunal. Já em 2008, mudou o termo de poder parental compartilhado para responsabilidades parentais compartilhadas, mas ainda as mães são consideradas as cuidadoras por defeito (Wall, 2015), e a alternância de residência não se estabelece de imediato, mesmo havendo abertura para tal no texto da lei. Nos últimos anos, com muitas reivindicações dos pais através de associações, essa prática passou a ser mais aderida, e recentemente, em novembro de 2020, foi explicitada no Decreto-Lei 65/2020 (Assembleia da República, 2020; Oliveira, 2020).

As licenças parentais também trilharam caminho no sentido de igualdade de presença de pais e mães no convívio e cuidados com os filhos. Desde 1976, com a determinação da licença maternidade de 90 dias, remunerada a 100%, houve um aumento de direitos de mães e também pais para o exercício da parentalidade em conciliação com a vida profissional. Para os pais, o primeiro grande marco aconteceu em 1999 (Lei nº 142/99), quando se determinou a licença paternidade de cinco dias úteis remunerada a 100%. Mas é a partir de 2009, que se considera uma efetiva equiparação do direito de pais e mães, principalmente pela atribuição de

um acréscimo de 30 dias de licença, caso haja a partilha da mesma entre pais e mães, prática que permanece atualmente (Cunha, Atalaia & Wall, 2016; Wall, 2010). Em 2005, 30,1% dos pais receberam subsídio por licença parental facultativa de uso exclusivo do pai, já em 2016 este percentual aumentou para 59,1%. Em 2005, 0,4% dos pais partilharam licença com as mães, e em 2016 o percentual aumentou para 30,2%. Estes dados demonstram que há um aumento progressivo da adesão dos homens às licenças parentais (CITE, 2016; Cunha et al., 2016).

Em relação ao dia a dia das famílias portuguesas, o tempo médio dedicado ao trabalho não pago, considerando trabalho de cuidados e tarefas domésticas, as mulheres se dedicam 12h22 a mais ao longo de uma semana do que os homens. No que se refere às tarefas domésticas, as justificativas utilizadas para a diferença na divisão, entre os homens, está a maior eficiência e competência delas para a execução das tarefas, e entre as mulheres, as altas demandas de trabalho pago deles. No tocante aos cuidados, a sobrecarga das mulheres é potencializada pela idade dos filhos, quanto menor o filho, menor a partilha. Dentre as crianças com até 3 anos, 83,2% são habitualmente cuidadas por uma pessoa do sexo feminino, dentre as que estão entre 3 e 5 anos, são 75,9%, e dentre as que têm entre 6 e 14 anos, são 68,8%. Isso indica que, mesmo com os investimentos nas políticas públicas e desenvolvimento da cultura de igualdade de gênero, ainda há grande disparidade e estigmas envolvidos. Também é importante observar que há maior dedicação dos homens ao trabalho de cuidados em comparação às tarefas domésticas, dado importante para ser considerado nos aspectos de paternidade (Persista, Cardoso, Brázia, Abrantes & Perista, 2016).

No mesmo estudo, os autores ainda destacam que “a especialização de papéis encontraria evidente respaldo na noção de que as mulheres têm mais propensão ou mais habilidade que os homens para cuidar das crianças”, mas, alguns entrevistados, “tanto homens como mulheres, rejeitam-na peremptoriamente” (Perista et al., 2016, p. 104). E o estudo também aponta que “nos casos em que a prestação dos cuidados é repartida de forma mais equilibrada, os homens não expressam descontentamento”, na verdade expõem “satisfação colhida do laço que assim desenvolvem com as crianças e os benefícios de uma distribuição simétrica de responsabilidades entre o casal” (Perista et al., 2016, p. 105).

O exercício da paternidade em Portugal se mostra de forma plural, influenciado por muitas variáveis, individuais, em seus outros papéis sociais, como homens, profissionais e

cônjuges, e suas experiências e representações de feminino e maternidade, e masculino e paternidade. E também variáveis do contexto, como a relação com o empregador, a carreira da esposa e sua relação com o empregador, questões econômicas da família, e também, a forma como a família interage, como se dão as relações entre o casal, e com os filhos. Tudo isso evidenciando um período de transição dos modelos de paternidade em Portugal, com os investimentos feitos nas últimas décadas, mas principalmente destacando a diversidade e singularidade dessa vivência (Wall, Aboim, & Marinho, 2010).

Presente estudo

Os pais estão conscientes das novas normas da paternidade da atualidade e da crescente exigência de se envolverem com os filhos de maneira pessoal, emocional e cotidiana. No entanto, apesar da considerável mudança social nas últimas décadas e da mudança significativa na forma como os pais são *pais*, permanece uma divisão de papéis de gênero no contexto familiar. Em relação à parentalidade, há maior atividade das mães no exercício da *maternidade*, e um lugar secundário e menos ativo dos pais no exercício da *paternidade*. Trata-se de um contexto que se mostra em evolução, mas que ainda apresenta muitas necessidades de mudanças e melhorias, tanto para homens, quanto mulheres e crianças (McLaughlin & Muldoon, 2014). Para tal caberia aprofundar, de forma mais singular, a experiência dos pais, questionando: Como os pais se sentem diante desta posição? Por que essa realidade se mantém? Por causa das atitudes das mães ou deles próprios? É possível termos pais e mães dividindo o protagonismo no exercício da parentalidade ainda enquanto casal? Ou isso só é possível na ausência da mãe por divórcio, morte ou algum outro fator? E quando estão sozinhos, como exercem seu papel, pais distantes e exclusivamente provedores, ou pais presentes e participativos? Os pais conseguem exercitar a função materna com os filhos?

O presente estudo buscou caracterizar a vivência da paternidade em Portugal na atualidade, nos seus aspectos mais subjetivos. Tal conhecimento se faz útil, para clarificarmos a singularidade dessa experiência entre os homens e podermos contribuir para acelerar as mudanças de estereótipos sociais e culturais. Os objetivos específicos foram, identificar e analisar características relativas aos (1) aspectos emocionais da paternidade, (2) questões de gênero, (3) coparentalidade, principalmente na sua componente divisão de tarefas e responsabilidades nos cuidados e desenvolvimento dos filhos, (4) saúde, e (5) conciliação com outras funções sociais que exercem, como a carreira profissional.

Método

Desenho de Investigação

O estudo foi desenvolvido com desenho descritivo, exploratório, através de uma metodologia qualitativa, com recolha de dados diretos e corte transversal retrospectivo.

Participantes

A amostra foi composta por oito homens portugueses, entre os 38 e os 45 anos, casados ou em união de fato com uma mulher, com um/a filho/a entre 3 e 10 anos de idade. Quanto à descrição do meio onde residiam, dois apontaram como urbanos, dois como semiurbanos, e três como rurais. Sobre a escolaridade, seis participantes tinham o nível de licenciatura, um tinha o nível de mestrado, e um tinha um doutoramento. Dentre as ocupações estavam, gestor de marketing, diretor de obras de engenharia civil, arquiteto e empresário, engenheiro civil, consultor financeiro, diretor de vendas, gestor de recursos humanos, e gestor de projetos. No que se refere ao estatuto socioeconômico, todos avaliaram como satisfatório.

Instrumentos

Os instrumentos utilizados foram a entrevista semiestruturada e algumas questões de caracterização sociodemográfica. As questões das entrevistas foram desenvolvidas com o objetivo de explorar a vivência da paternidade e as representações e significados que envolvem essa experiência, especialmente quanto aos aspectos emocionais da paternidade, questões de gênero, coparentalidade, principalmente na sua componente divisão de tarefas e responsabilidades nos cuidados e desenvolvimento dos filhos, saúde, e conciliação com outras funções sociais que exercem, como a carreira profissional. As questões de caracterização sociodemográfica visaram descrever a amostra quanto à idade, local de residência, escolaridade, ocupação, e satisfação com o estatuto socioeconômico.

As entrevistas começaram com a pergunta, (1) *Conte-me um pouco de você e do seu contexto familiar e profissional (casamento/ união, idade dos membros da família, atividade profissional na família, etc.)*. Esta pergunta, bastante ampla, teve o objetivo de estabelecer algum conforto ao entrevistado, e entender o seu contexto de vida. Na sequência, passou-se a explorar diretamente os aspectos da paternidade. As perguntas, (2) *O que significa ser pai?* e (3) *E o que significa ser mãe?* visaram entender as representações e significados sobre a

paternidade e a maternidade. Depois, (4) *Como foi a decisão de ser pai?* buscou entender o que o motivou a decisão de ser pai, se foi algo planejado, ou não planejado, se foi desejado ou não, e quais expectativas estavam em torno dessa decisão. Na sequência, foi abordada a rotina diária da família, como dividem as tarefas, se há alguém sobrecarregado ou não, (5) *No dia a dia, como vocês dividem as tarefas e as responsabilidades relativas aos cuidados e necessidades do filho?*, aqui também foi possível identificar quais cuidados são destinados ao pai ou à mãe, se seguem ou não a norma social prevalente de o pai ficar com no papel de provedor e a mãe de cuidadora. Depois, com a pergunta (6) *Você acha que um pai consegue substituir a mãe e exercer a função materna?*, buscou-se uma complementação das segunda e terceira perguntas, visando aprofundar as representações e significados, e a competência percebida pelo pai diante desses, e entender se há um papel principal nos cuidados do filho, e quem o ocupa. No seguimento, foram abordados aspectos mais individuais e subjetivos com as seguintes perguntas, (7) *Enquanto pai, qual a sua principal dificuldade? E o seu desejo? E a sua motivação? Você tem alguma angústia?* assim era finalizada a primeira parte da entrevista.

Na segunda parte da entrevista, foram explorados outros aspectos da vida para além da paternidade. Primeiramente, a conciliação trabalho e família, se consegue fazer um equilíbrio e como o faz, e se tem apoio de alguém, principalmente relacionado à companheira/ esposa, (8) *Como você concilia sua carreira com o convívio e responsabilidades com a família? Como se sente diante disso? Tem sido fácil ou difícil? Tem o apoio de alguém para isso? Tem apoio de sua companheira/esposa.* Depois buscou-se verificar se o entrevistado consegue exercer outros papéis sociais, como convívio com amigos, lazer, hobbies, ou mesmo ter um tempo só para si, (9) *O que gosta de fazer com o seu tempo livre?* Na terceira parte, abordou-se aspectos relativos à saúde física e mental, e qualidade de vida, (10) *Como você considera sua saúde, física e mental? Como avalia sua qualidade de vida?* E por fim, foram recolhidas algumas questões de caracterização sociodemográfica, com perguntas de múltipla escolha.

Procedimentos

A amostra foi recrutada de forma não probabilística, considerando dois tipos, nomeadamente, amostragem do tipo acidental (casual ou conveniente), aquele onde “os elementos são selecionados pela sua conveniência, por voluntariado ou ainda acidentalmente” (Maroco, 2018, p. 11), e ainda o tipo amostragem de propagação geométrica (snowball), onde um participante do estudo poderá indicar outros participantes (Maroco, 2018).

Os recursos utilizados para divulgar o estudo e recrutar os participantes foram as redes sociais Facebook, Instagram e WhatsApp, e também contatos com associações de pais, e solicitação de divulgação e indicações aos participantes, no período compreendido entre fevereiro e março de 2021. Na divulgação do estudo constavam os seguintes critérios de inclusão: (1) Pais portugueses e residentes em Portugal, porque a cultura tem-se mostrado como um dos importantes determinantes na construção da experiência da parentalidade (Moro, 2017); (2) Que vivessem essa experiência pela primeira vez (primeiro/a filho/a), devido as diferenças e particularidades de cada uma das experiências, primeiro e segundo filhos; (3) Com idade entre os 25 e os 45 anos, idade compreendida com maior dedicação ao trabalho e à carreira para os homens (Wall, 2015); (4) Que tivessem um/a filho/a com idade entre os 3 e os 11 anos, período compreendido entre o jardim de infância (educação pré-escolar) e o segundo ciclo (sexto ano do ensino básico), o qual a criança ainda não tem grande autonomia, e demanda muitos cuidados dos pais, inclusive relativos à escola; (5) Que vivessem com a mãe do/a filho/a, em união estável ou casamento, por se entender que a vivência da parentalidade em contexto de separação e divórcio, contempla outras variáveis que não foram exploradas neste estudo, assim como (6) Que estivessem em uma relação com uma pessoa de sexo diferente, pois também não foram explorados as particularidades da vivência da homoparentalidade; e finalmente (7) Que tivessem um/a filho/a gestado pela mãe, por concepção natural ou assistida. Não houve exclusão quanto à escolaridade, etnia ou condição socioeconômica.

Assim que o participante manifestou interesse em participar no estudo, o convite foi formalizado por e-mail, com a carta de consentimento informado (Anexo A), e a leitura e o consentimento da mesma, foram condição para o agendamento da entrevista. O participante tinha a opção de enviar a carta assinada por e-mail ou conceder o seu consentimento verbalmente no início da entrevista. Durante a entrevista, foram abordados novamente os aspectos de consentimento, a importância da voluntariedade da participação e as questões de confidencialidade. Foi dado ao participante a oportunidade de esclarecer suas dúvidas quanto ao estudo, seus objetivos, metodologia, proteção e arquivo dos dados coletados, e publicação dos resultados. Após a entrevista, foi enviado por e-mail a carta de esclarecimento pós-investigação (Anexo B), onde constava o contato de apoio, o qual o participante poderia recorrer se houvesse alguma dúvida ou desconforto provocado pela participação no estudo. Vale destacar que tendo em conta o teor da entrevista, não foi antecipado que a mesma pudesse causar *distress* significativo.

As entrevistas foram realizadas individualmente, por videochamada, com data e horário agendados com antecedência. A duração mínima das entrevistas foi de 31 minutos, e a duração máxima de uma hora e 16 minutos, ocasionando em uma duração média de 59 minutos para todas as entrevistas. O link e as orientações para acesso à videochamada foram enviados por e-mail, junto com a confirmação do agendamento. Os entrevistados foram orientados para que estivessem em um local privado, com sala fechada e insonorizada, e sozinhos, visando a preservação da confidencialidade. A entrevistadora esteve nas mesmas condições, e utilizou fones de ouvido, visando deixar o entrevistado mais confortável. As entrevistas foram gravadas em áudio e vídeo e transcritas na íntegra. Nas transcrições, foram substituídos os nomes próprios citados por nomes fictícios, para garantir o anonimato. As gravações foram destruídas imediatamente após a transcrição, e as transcrições serão guardadas digitalmente por cinco anos, em gravação em HD externo de propriedade e uso exclusivo da investigadora, preservando os dados, o anonimato e a confidencialidade, tendo acesso as mesmas somente a equipe de investigação. Posterior a esse período, serão destruídas. O mesmo tratamento foi dedicado aos dados sociodemográficas que foram recolhidos ao final de cada entrevista.

Todas as recomendações e procedimentos internacionais e nacionais quanto aos princípios éticos em pesquisa científica em Psicologia foram respeitados: participação voluntária, confidencialidade e anonimato, proteção dos dados, parecer favorável do comitê de ética do ISPA (Anexo C), disseminação dos resultados, e principalmente os cuidados com o grupo vulnerável, neste estudo, os homens/pais, que, por muitas vezes, atravessados por estigmas sociais e culturais, não são autorizados a expressarem suas angústias quanto a parentalidade. Todos os participantes foram cuidadosamente tratados, devido a sensibilidade da experiência da parentalidade, e as diversas fragilidades que esta vivência, e as reflexões sobre a mesma, podiam desencadear. Foi oferecido aos participantes, durante a entrevista, escuta isenta e desprovida de julgamentos ou enquadramento à normas, assim como disponibilizado acolhimento e encaminhamento para atendimento de apoio ou clínico, se houvesse necessidade.

Plano de Análise

A análise dos dados, sob a forma de transcrição da entrevista, foi desenvolvida através do método de Análise Temática (Braun & Clarke, 2006). Trata-se de um método flexível teoricamente e que busca reconhecer padrões, chamados de temas, a partir da análise sistemática dos dados. No presente estudo, optou-se pela abordagem puramente qualitativa,

indutiva (bottom-up) e construtivista, ou seja, parte-se essencialmente dos dados recolhidos, em uma análise profunda, para a identificação dos temas, e não de um referencial teórico ou grade de categorias/ códigos previamente existentes. A Análise Temática é realizada em seis etapas. A primeira etapa é a familiarização com os dados, onde o investigador aprofunda seu conhecimento sobre os dados através de leitura profunda e crítica. A segunda etapa é a geração dos primeiros códigos, aqueles que representam relevância, diferenciando-os em códigos semânticos, que são puramente descritivos, e/ou latentes, que são conceituais. A terceira etapa é a procura de temas, sendo que os temas representam padrões encontrados nos dados. A quarta etapa é a revisão destes potenciais temas, e a quinta etapa, é a definição e nomeação dos temas. Por fim, a sexta etapa é a produção do relatório de análise, que contempla a seleção dos temas mais relevantes, ilustração dos mesmos com dados recolhidos, e desenvolvimento da argumentação da relação dos temas com a questão de investigação (Braun & Clarke, 2006).

Resultados

A partir da análise temática dos dados recolhidos nas entrevistas, e indo ao encontro à questão de investigação do presente estudo, que visou caracterizar a vivência da paternidade em Portugal na atualidade, nos seus aspectos mais subjetivos, emergiram seis temas centrais: (1) Prazer e realização no exercício da paternidade; (2) A mulher tem algo que o homem não tem no exercício da parentalidade; (3) O pai é competente no cuidar; (4) Ser pai e ser mãe são coisas diferentes, mas ambos são importantes e necessários; (5) Pai e mãe presentes e atuantes, com colaboração mútua, em uma real flexibilização dos estereótipos de gênero; e (6) Paternidade e carreira profissional, ambos são importantes, e difíceis de conciliar. Os mesmos serão desenvolvidos, com excertos das entrevistas para ilustração, sendo os pais nomeados por entrevistados 1 à 8.

Faz-se oportuno adiantar, que os resultados mostram pais e mães cuidadores e provedores, dividindo esses papéis e compondo novos modelos de paternidade e maternidade. Com isso, a vivência da paternidade se mostra de forma renovada, estando eles mais próximos dos/as filhos/as, atuando efetivamente como cuidadores e dividindo as responsabilidades coparentais de forma tendencialmente igualitária. Adicionalmente, a conciliação da parentalidade com as carreiras de ambos, pai e mãe, ganha importância e exige esforço na gestão familiar.

Além dos seis temas centrais, alguns aspectos adicionais também se fizeram presentes nos resultados, e serão explorados a seguir, como questões relativas à saúde, física e mental, e qualidade de vida.

Prazer e realização no exercício da parentalidade.

O primeiro tema identificado foi o “Prazer e realização no exercício da paternidade” que traz a evidência de que a paternidade é um desejo genuíno presente na vida dos homens, e que impacta as suas vidas de uma maneira muito significativa e positiva. Eles vivem a paternidade com grande prazer, satisfação e realização. Trata-se de algo imperativo em suas vidas. Sentem orgulho em olhar para a criança, e muitas vezes se reconhecerem nela. Sentem alegria em conviver, em compartilhar momentos, em ensinar-lhes coisas, em divertirem-se juntos. Os desafios dos cuidados no dia a dia, abdicação de tempo para si próprios, inseguranças quanto ao bom exercício do seu papel, dificuldades em conciliar a paternidade com a carreira

profissional não diminuem, nem minimizam, ou colocam em dúvida a escolha que fizeram ou a satisfação com que vivem essa experiência. Como se pode constatar no excerto a seguir do Entrevistado 4.

Ver como é que ela é né, não é por ser a minha filha, mas ela é uma criança espetacular (sorri), ela é, eu chego à casa já, pá, é brutal, ela é uma criança impecável, tipo, é sempre, é muito alegre, está sempre a brincar, é assim malandrona, é assim muito malandra (sorri), e pá, é muito fixe, é uma coisa que nos enche, pelo menos a mim, que me enche o coração, ela, eu gosto muito (...) nós temos conversas fantásticas, que ela é uma criança com cinco anos que tem conversas que eu às vezes até olho assim para o lado e nem digo nada para deixá-la, porque ela fala de coisas como se fosse, aliás, ela fala de coisas melhor que certos adultos, que eu fico tipo (sorri), (...) uma companhia muito gira, ela é muito engraçada, e pá, depois tem um feitio assim muito especial, ela é assim muito brincalhona, e as pessoas, ela tem cabelos encaracolados, e é assim muito bonito, e as pessoas, quando ela passa, as pessoas ficam todas a olhar, tipo (sorri), porque ela é uma, parece uma, é uma bonequinha autêntica (Entrevistado 4).

Além do prazer e realização, a experiência da paternidade mobiliza e engaja os pais para provocar mudanças e transformar a sociedade e a cultura onde estão inseridos. Primeiramente, através do desenvolvimento da criança e a transmissão de valores, para que seja um ser humano mais consciente de suas responsabilidades, autônomo, ativo na sociedade, politicamente, economicamente e socialmente, conforme palavras do Entrevistado 3, sua expectativa e conduta como pai visa "que a geração dela no futuro, que eles fossem pessoas corretas e sérias e que tentassem fazer alguma coisa de útil".

E também, o próprio pai, atuando e reivindicando por ambientes mais respeitosos e éticos quanto à singularidade da criança, em várias esferas da sociedade, mas principalmente na escola onde a mesma estuda, para que tenha uma vivência escolar mais motivada e prazerosa, conforme exposto pelo Entrevistado 5, "a sociedade coloca-lhe, uma pressão muito grande para a perfeição, para as boas notas, para a evolução curricular, letiva, e isso angustia-me, porque estas crianças depois perdem a capacidade de pensar por si mesmas".

Os pais também apontam com grande importância e valorização os aprendizados gerados pela vivência da paternidade, segundo as palavras do Entrevistado 7, "a paternidade tem me feito pensar muito sobre o tipo de pessoa que eu sou, os meus hábitos, e o que que eu passo para o (nome do filho), no meu dia a dia". A existência da criança provoca-lhes uma busca por serem melhores como pessoas e como pais, o que promove mudanças e desenvolvimento pessoal.

A mulher tem algo que o homem não tem no exercício da parentalidade.

O tema “A mulher tem algo que o homem não tem no exercício da parentalidade” se fez presente na fala de todos os pais entrevistados, e enalteceu o papel da mulher no exercício da parentalidade, colocando-a em um lugar de destaque, por vezes atribuindo-lhe maior competência, e também vantagens. Para os pais entrevistados, as mães têm vantagens no exercício da parentalidade. Segundo o Entrevistado 1, "eu costumo dizer que a minha mulher teve uma vantagem, levou nove meses de avanço (risos)", e isto é justificado principalmente pelos aspectos biológicas, como a gestação, o parto e a amamentação, conforme palavras do Entrevistado 5, "mesmo depois do parto, a amamentação, tudo aquilo traz neles que é impossível do pai imitar ou reproduzir".

Os nove meses que o filho esteve na barriga da mãe, e tudo o que ela sentiu, dá-lhe vantagens, pois o pai nunca poderá ter essa vivência e sentir o que a mãe sentiu. Pelo corpo, as mães têm algo que os pais não têm, nem nunca terão, como se eles estivessem em um lugar de falta, como se as mães fossem completas para o exercício da parentalidade e eles não. As palavras do Entrevistado 8 também ilustram.

Desde a concepção, a mãe como transporta a criança na barriga, durante nove meses, é uma ligação diferente daquela, que nós pais nunca saberemos como é que é, aquele sentir todo a criança lá dentro, aqueles nove meses em que a criança vai crescendo, e vai sentindo os pontapés, e vai sentindo mexer, essas coisitas todas, acho que isso cria uma ligação diferente, e não tem que ser necessariamente mais forte, mas cria uma ligação diferente daquela que os pais não conseguirão criar com os filhos porque nunca experienciarão isso (Entrevistado 8).

Além dos aspectos biológicos, os aspectos simbólicos e culturais, como sensibilidade, cuidado e maternagem, tão presentes no discurso social, também aparecem na fala dos pais entrevistados, mas de uma forma secundária. A maioria dos entrevistados reconhecem em si estas características. Reconhecessem-se como pais cuidadores e sensíveis, mas, ainda assim, atribuem às mães um algo a mais, como se as mães conseguissem oferecer à criança algo que os pais, mesmo que se esforcem muito, que sejam pais presentes e cuidadores, nunca conseguirão atingir e oferecer, por não terem competências tão superiores quanto as que os pais julgam que as mães têm. O protagonismo atribuído às mães, e o lugar secundário aos pais, no exercício da parentalidade, fez-se concreto na fala dos entrevistados, conforme excerto do Entrevistado 4.

Mas a mãe é mais (silêncio) (...) aquele carinho de mãe que ela vai buscar à mãe, que eu não consigo lhe dar, aquele jeitinho que a fêmea tem né, aquele jeitinho que a mãe tem, que a mulher tem né, como homem, por muito ternurento, ou por muito meiguinho que seja com ela, o jeitinho é diferente, é normal, isso é da própria espécie né, o homem e a mulher, eu acho que a mulher está mais vocacionada para a questão da criação, para a proteção, e o homem, o homem também faz isso né, mas é de uma maneira diferente, ou seja, para a criança, o sentir aquele carinho de mãe é diferente (Entrevistado 4).

Foi possível constatar o quanto, não só dentro de casa, mas também nas articulações que acontecem socialmente, neste caso, em cuidados de saúde, o pai é colocado em um lugar secundário, e à mãe é atribuído o lugar principal nos cuidados do filho, conforme a fala do Entrevistado 7, “estava no hospital, sentia muito isso da parte dos médicos, era a mãe e pronto, eu acabava por não ter assim tanto espaço, ou tanta atenção, eu senti isso”.

Um outro aspecto atribuído como vantagem às mães no exercício da parentalidade está relacionado com a carreira profissional. Profissões relacionadas com a saúde, os cuidados ou a educação infantil, e que são ainda exercidas maioritariamente por mulheres, colocam as mulheres em uma maior exposição e contato com crianças, o que faz os pais acreditarem que elas têm vantagens técnicas e experiência prévia como cuidadoras, conforme o relato do Entrevistado 1, ele se coloca em desvantagem diante de sua esposa, "este lado de cuidar de crianças eu aprendi com a minha filha, primeira criança que eu cuidei, e portanto, a minha mulher já tinha essa vantagem porque estava habituada a lidar com crianças em contato profissional", sendo atribuído ao exercício da maternidade, mais competência do que a paternidade.

O pai é competente no cuidar.

Apesar de atribuir às mães uma maior competência no exercício da parentalidade, como descrito no tema anterior, os pais, em sua maioria, consideram-se cuidadores, sendo este representado pelo tema “O pai é competente no cuidar”. Os pais se sentem competentes no exercício dos cuidados à criança, conscientes das responsabilidades intrínsecas à função. Os pais conseguem exercer todas as atividades de cuidados, em qualquer idade da criança, exceto se houver amamentação.

Eu tenho uma maneira de estar com a minha filha, que eu acho que mesmo que a mãe não estivesse presente ia ser a mesma maneira de estar se ela estivesse, para mim é igual, tal como a mãe, se eu não estivesse presente também não iria mudar muito a maneira dela ser em função daquilo que é agora (...) desde o princípio procurei sempre ter a mesma presença junto da minha filha que a mãe, e fazer as mesmas coisas, e é isso que

acontece, e é isso que, só se a saúde não permitir, mas é isso que vai continuar a acontecer (Entrevistado 8).

Sentir-se competente nos cuidados não diminui a sensação da presença de desafios inerentes à função. Conforme o depoimento do Entrevistado 5, a experiência da paternidade não é uma experiência linear, fácil ou simples de ser vivida, trata-se de um grande desafio, que lhes impõe exigências, dificuldades e dúvidas. Em alguns momentos a experiência pode ser bastante temerosa e angustiante.

Eu acho que esta mudança, dificulta a nós pais, enquanto exemplo e enquanto transmissores de educação, de valores, de interesses, porque estamos a competir com outras coisas que são muito mais aliciantes, que são os youtubers, e os colegas, e portanto, eu acho que realmente o meu grande gosto e o meu grande desejo é esta missão de tentar inculcar nele ainda alguma coisa que tenha raízes, que não seja de imediato (...) angustia-me a, o eu não ser capaz de o proteger de uma situação que ele precise, e que eu não consiga estar lá, angustia-me bastante, eu acho que nós vivemos em uma sociedade muito perigosa, com muitas ameaças, cada vez mais disfarçadas (Entrevistado 5).

Além dos desafios, os pais reconhecem um aprendizado constante, o que exige que sejam pais diferentes em cada fase de desenvolvimento da criança. Cada fase, desde antes do seu nascimento, durante a gestação, exige do pai, diferentes e novas atitudes e posicionamentos, no exercício da paternidade, demandando reinvenção e adaptação constantes, conforme as palavras do Entrevistado 8.

Acho que não há pais perfeitos que acertam em tudo e mais alguma coisa, porque isto é uma aprendizagem constante, é uma aprendizagem diária, hoje a minha filha está de uma forma, amanhã chega ao pé de mim com... diz-me alguma coisa que eu nunca esperava ouvir da boca dela, mas coisas boas, estou a falar de aprendizagem da parte dela, então todos os dias é uma surpresa, todos os dias é uma aprendizagem, (...) mas acho que o ser pai é um pouco estar a aprender todos os dias, eu não acho que haja uma definição certa para isso, nós estamos sempre a aprender, hoje é uma, eu sou da opinião que as coisas nunca estão totalmente corretas, nós achamos é maneiras de as melhorar cada vez mais, e acho que ser pai é um pouco isso, estamos sempre a aprender (Entrevistado 8).

A competência em cuidar do filho está atrelada à presença e dedicação diária, para acompanhar as rotinas de higiene e alimentação, as atividades escolares, o aprendizado dos limites e das regras, o entretenimento. Isto possibilita que o pai e a criança se conheçam e o pai possa desenvolver sua competência no exercício dos cuidados. O pai que, por alguma razão precisa se ausentar por um tempo, não consegue ter a real dimensão de quem é a criança, de como é conviver com ela, como é ser pai, e exercer integralmente a paternidade.

Eu achava que era o pai ausente mais presente do mundo, que conhecia tudo e mais por fora da minha filha, mas não conhecia, hoje eu digo que não conhecia, é muito diferente a gente estar a distância ou estar presente no dia a dia, fazer parte (...) é o dia a dia, é levar a escola, trazer, à tarde quando ela vem do colégio, termos disponibilidade física e mental de estar a brincar com ela, fazer as brincadeiras que ela quer, aturar as birras dela (...) é educar, é dar amor, mas é também uma coisa muito importante que eu não fazia, que é estar presente, não é ser aquele que aparece de vez em quando (Entrevistado 2).

Há uma minoria entre os pais entrevistados, que manifestam insegurança nos cuidados, mesmo apresentando evidências de que os exercem com dedicação diária e competência. Parecem sentir que não chegam ao nível de competência que eles próprios atribuem às mães, conforme explicitado no tema “A mulher tem algo que o homem não tem no exercício da parentalidade”. A insegurança começa logo no período de transição para a paternidade, como com o Entrevistado 4, quando recebeu a notícia da gravidez, “ lembro-me desse dia, caiu-me tudo, sentei-me no sofá e pensei, iiiii, acho que eu não vou ser capaz, nossa, senti assim uma grande insegurança e uma grande responsabilidade”, que se mantém presente.

São pais que assumem os cuidados com banho, aleitamento, cuidados noturnos, atividades escolares, além de serem responsáveis pela alimentação da família, tanto a compra de alimentos, quanto o preparo das refeições, diariamente. É oportuno destacar o quanto a alimentação é considerada socialmente, uma das atividades de maior representação de cuidados, mas, mesmo assim, alguns pais parecem não conseguir reconhecer e valorizar a sua competência quanto aos cuidados.

Ser pai e ser mãe são coisas diferentes, mas ambos são importantes e necessários.

O tema a seguir é melhor compreendido quando em continuidade com os temas “A mulher tem algo que o homem não tem no exercício da parentalidade” e “O pai é competente no cuidar”, pois além da supervalorização da competência materna e do reconhecimento da competência paterna nos cuidados parentais, os pais, ao longo das entrevistas, expuseram que “Ser pai e ser mãe são coisas diferentes, mas ambos são importantes e necessários”. Segundo os entrevistados, em suas famílias, pai e mãe não exercem as mesmas funções, nem representam o mesmo na vida da criança. Essa diferença de ser pai e ser mãe é atribuída às afinidades subjetivas de cada um dos pais, desenvolvidas na relação com a criança, assim como características da personalidade e estilo parental. Essas particularidades e diferenças são

valorizadas e colocam pai e mãe em mesmo patamar de importância no exercício da parentalidade.

Um pai (...) pode estar presente para um filho da maneira que a mãe não pode, tal como a mãe pode estar presente para um filho da maneira que o pai não pode, ou não consegue, se calhar é a melhor, é a melhor, não é não pode, é não consegue (...) dedicamo-nos sempre de uma forma tão única, se calhar é essa a expressão mais correta, que mesmo que um de nós faltasse essa forma de estar não ia ser diferente, porque acho que nós dedicamos a ela, eu da minha forma, a (nome da esposa) da forma dela (Entrevistado 8).

A partir da relação que se estabelece com cada um dos pais, a criança se sente mais à vontade em partilhar algumas coisas com o pai, e outras com a mãe. Com isso, é apontado como necessário a presença dos dois, para permitir um amplo espaço de fala para a criança, pois se houvesse só um, haveriam coisas que não seriam externalizadas, podendo comprometer um desenvolvimento saudável. Segundo o Entrevistado 6, “há coisas que os filhos gostam mais de desabafar com as mães outras com os pais”. O sentido atribuído à presença do pai e da mãe é de complementariedade, valorizando as particularidades de cada uma das figuras parentais, e evidenciando que um não substitui o outro, e que ambos se fazem necessários para um bom desenvolvimento da criança.

Uma diferença entre pais e mães, apontada pelos pais, no exercício da parentalidade está relacionada ao fato dos pais exercerem funções parentais de forma menos rígida, sendo mais espontâneos e descontraídos, visando a promoção da autonomia e das responsabilidades, e as mães exercerem funções parentais de forma mais rígida, impondo regras, em um modelo mais controlador e protetor.

Pai e mãe presentes e atuantes, com colaboração mútua, em uma real flexibilização dos estereótipos de género.

O tema a seguir é representativo de toda a amostra, e pode indicar uma realidade parental, conjugal e familiar se fortalecendo e ganhando espaço culturalmente. Segundo todos os pais entrevistados, a gestão da rotina diária da família se dá com “pai e mãe presentes e atuantes, com colaboração mútua, em uma real flexibilização dos estereótipos de gênero”. A rotina familiar contempla as atividades de cuidado com a criança, as tarefas domésticas, a gestão do tempo para o trabalho, e também, o investimento no desenvolvimento da carreira profissional da mãe e do pai.

Nós partilhamos tudo e fazemos tudo, eu sou um homem que faço tudo em casa, cozinho, estendo roupa, ponho máquina a lavar (...), a minha esposa também faz praticamente tudo, por isso que nós não temos assim uma regra definida, nós vamos gerindo conforme as necessidades (...) com o (nome do filho) também. Tem fases que está mais ela, tem fases que estou mais eu, agora, por exemplo, este ano estive mais eu, tive mais tempo (...) a (nome da esposa) está a trabalhar muito neste momento, e acaba por estar mais dedicada ao trabalho lá fora, e eu agora, tenho sido o suporte em casa, mas eu também já tive fases em que era eu quem ficava mais fora (Entrevistado 6).

Pai e mãe exercem a parentalidade de forma ativa e conjunta, com grande colaboração e partilha entre ambos. Segundo o Entrevistado 3, “a gente divide as tarefas domésticas todas em casa, e as tarefas com a miúda também”. Além disso, a responsabilidade de cada um na execução de tarefas relacionadas aos cuidados, ou nas tarefas domésticas, é determinado pelas preferências, disponibilidade de tempo, e conciliação com as responsabilidades profissionais. Ainda com o Entrevistado 3, “quem vai ao médico com ela sou sempre eu, porque a mãe está a trabalhar e não pode sair, então tudo o que seja médico é comigo”.

De entre as preferências quanto à execução das atividades diárias, parece haver uma tendência dos pais em assumirem a responsabilidade com o preparo das refeições para a família. Os pais manifestaram este gosto, e o qualificam como sendo um hobby. As mães também cozinham eventualmente, mas os pais parecem fazê-lo com maior prazer. Trata-se de uma atividade indispensável no exercício dos cuidados para com toda a família. Culturalmente, alimentar é uma das práticas mais representativas de cuidados, e que os pais entrevistados passam a exercer com dedicação e prazer.

Ir às compras sou eu quem vou (risos), cozinhar, para aí noventa por cento das vezes acaba por ser eu (risos) (...) eu faço as compras, eu vou ao talho, é uma coisa que me dá um certo gosto, e sair de casa e fazer esse tipo de coisas, e pronto, eu acabo por saber o que é mais necessário, o que que há, o que que não há e pronto (...). Acaba por ser um gosto sim, acaba por ser um momento que estou ali, a ouvir uma música, ou a ouvir um podcast, enquanto estou ali a cozinhar e é algo que acaba por ser terapêutico (Entrevistado 1).

Uma outra preferência, que parece ser tendência, é a mãe ser a responsável por acompanhar as atividades escolares e a realização dos trabalhos para casa. O pai também participa, mas a mãe é a responsável.

É importante ressaltar que as mães, conforme os depoimentos dos pais, parecem estar em uma mesma condição dos pais quanto a conciliação do trabalho e da parentalidade, como será desenvolvido no tema a seguir, onde investir na maternidade e no desenvolvimento da carreira, trazem-lhes realização. Isso exige do casal um olhar ampliado da gestão diária familiar, para contemplar as duas carreiras e o exercício da parentalidade, seja maternidade ou paternidade.

Quando estávamos a trabalhar todos em velocidade de cruzeiro, quem o ia buscar era quem se despachava primeiro, não havia uma regra de, aí tem que ser este ou tem que ser aquele, não, nós sabíamos que chegávamos à casa por volta das 18h30 o mais tardar, portanto se havia um que estava despachado às 17h, telefonava e dizia: vou buscá-lo (Entrevistado 5).

Contudo, se faz presente uma real flexibilização e transição dos estereótipos de gênero, já que ambos são pais e profissionais engajados na parentalidade e em suas carreiras, e colaboram mutuamente para poderem exercer esses papéis de forma satisfatória.

Tanto eu como a (nome da esposa), partilhamos essas funções, eu não ajudo a (nome da esposa), eu faço as coisas porque tem que fazer não é, se tiver que limpar o chão, varrer, lavar a loiça, lavar a roupa, eu faço da mesma forma que a (nome da esposa) faz, e isto não é ajudar, é partilhar as funções, porque é assim que tem que ser dentro de casa, eu acho que é assim que deve ser (...) o dividir as tarefas não, isto não é nenhuma obrigação minha, nem é nenhuma obrigação da (nome da esposa), a casa é dos dois, vivemos os dois aqui, comemos os dois aqui, dormimos os dois aqui, portanto as coisas devem ser repartidas, repartidas de forma equilibrada (Entrevistado 8).

Há uma experiência particular dentro da amostra, que se faz oportuno expor por ser o único entrevistado que a esposa não trabalhava. A mãe desenvolvia sua carreira, assim como o pai, mas precisou deixar de trabalhar, devido condições de risco da gravidez e de saúde da criança. O pai acabou por assumir a responsabilidade de único provedor da família, e para tal, precisou redirecionar a carreira para uma atividade que não era a sua preferência para ter aumento da remuneração. Os impactos destas circunstâncias parecem dar um sentido mais acentuado de perdas à vivência da paternidade. Estas perdas são de espaço, como indivíduo, de tempo e de projetos profissionais de maior realização. Sabe-se que sempre há alguma perda na vivência da parentalidade (tanto para o pai, quanto para a mãe), principalmente de espaços como indivíduo e como casal, porque há um novo elemento na família, e um novo papel social a ser desempenhado por estes pais.

Ela não podendo trabalhar por causa da gravidez de risco, o natural era ser eu a fazê-lo, (...) nenhum de nós tinha nada muito seguro, e eu era a pessoa, pelo meu próprio

histórico profissional, que tinha mais condições para conseguir trabalho em outras áreas (...). A transição não foi fácil, (...) na (área de trabalho anterior) eu tinha um papel mais de pensar, de refletir, e também tinha mais autonomia para gerir o meu tempo, gerir a minha própria energia, e era algo que eu era mais feliz a fazer, e eu tenho consciência disso (Entrevistado 7).

Contudo, esse contexto parece interferir na relação que se constrói entre o pai e a criança. Duas hipóteses se fazem presentes. Uma delas remete a projetos profissionais de maior significado que precisam ser abandonados, e a motivação para o trabalho e a realização como profissional ficam prejudicados, gerando uma perda de sentido em uma das esferas importantes para o ser humano que é o trabalho. A outra, refere-se ao espaço ocupado no exercício da parentalidade, a mãe, por estar mais presente e dedicada exclusivamente a maternidade, acaba por ocupar maior espaço na relação com a criança. Sendo assim, estas hipóteses podem se colocar como barreiras para uma maior conexão e ligação subjetiva entre o pai e a criança. De qualquer forma, este pai tem consciência da importância das escolhas que fez e as valoriza, dedica-se ao filho e busca construir uma relação presente, afetuosa e de cuidados.

Paternidade e carreira profissional, ambos são importantes, e difíceis de conciliar.

Trata-se do tema apontado por todos os pais como motivo de maior dificuldade, e até mesmo angústia, para eles, que é "Paternidade e carreira profissional, ambos são importantes, e difíceis de conciliar". O exercício da paternidade de forma presente, ativa e participativa, e o investimento no trabalho, no desenvolvimento da carreira e na ascensão profissional, são funções importantes e que trazem realização, mas parecem muito difíceis de serem conciliadas. A tentativa de conciliação provoca estresse, e sentimentos de ansiedade, angústia, culpa e frustração, mesmo em contexto favorável, com flexibilidade de horário por ser profissional autônomo, ou com apoio do empregador, e cooperação familiar, conforme o tema anterior.

Conseguir conciliar a minha vida profissional com o lado de ser pai, o lado afetivo, e conseguir ter aqui um equilíbrio, uma balança de pratos, conseguir cumprir com a minha obrigação profissional e conseguir cumprir com a minha obrigação enquanto pai, enquanto marido, enquanto filho também, e, é isso que é a minha maior dificuldade, para mim é um desafio (Entrevistado 2).

Há ainda abdicação de tempo para si. Por sentirem que não são tão presentes com a criança, o quanto gostariam, os pais abrem mão de outras atividades ou hobbies, que às vezes se fazem possíveis, mas não se concretizam, para estarem presentes como pais. Terem mais

tempo para estarem mais presentes com a criança é a principal questão para os pais. O Entrevistado 3 diz: “tenho pena de não ter mais tempo para poder acompanhá-la, mas acho que já não estou a fazer um mau trabalho como pai, mas podia ser melhor”, e o Entrevistado 4 diz: “me angustia é não estar sempre presente ao pé dela, é passar o dia todo fora de casa, a trabalhar”.

Uma das formas apontadas para conseguir mais tempo para si e para a família, seria a oportunidade de trabalhar menos horas, ou ter uma jornada de trabalho reduzida. Alguns dos pais entrevistados parecem dispostos a investir menos na carreira para terem mais tempo para si e para a família, conforme palavras do Entrevistado 7, “acho que o ideal era mesmo trabalhar menos horas por dia, e, menos uma hora por dia talvez, e conseguir, ir levá-lo à escola, etc., mas ainda não dá”.

O trabalho autónomo também parece ser uma opção, visando uma melhor conciliação da carreira e paternidade. Essa modalidade possibilita maior flexibilidade e autonomia na gestão do tempo, podendo estar mais perto da criança, participar mais do seu dia a dia e estreitar o laço entre pai e filho/a. Conforme relato do Entrevistado 5.

Eu mudei de emprego e tenho uma disponibilidade de tempo bastante boa, passei a estar mais com ele, (...) eu comecei a levá-lo à escola todos os dias, vamos a pé, sempre conversamos, e ele começou a criar comigo mais relação, está um bocadinho mais agarrado à mim do que estava antes (Entrevistado 5).

Em situações onde a manutenção do trabalho, e da carreira em sua área de formação, exigem mudança e distanciamento da família, isso é percebido como prejuízo, já que os ganhos financeiros e profissionais, não parecem ser compensatórios, e as perdas são sentidas, tanto na relação parental, quanto conjugal, conforme relato do Entrevistado 2, “passei demasiado tempo fora, ao contrário daquilo que eu pensava, julgava que tinha valido a pena, não, completamente errado, não há dinheiro nenhum que pague a ausência da família, e até aquela altura, eu ainda não tinha percebido isso”. Conciliar vida familiar e vida profissional, parece só ser possível, equilibrando perdas e ganhos em ambas.

Saúde e Qualidade de Vida

Conforme citado, além dos seis temas centrais resultantes da análise, questões relativas à saúde física e mental, e qualidade de vida também foram abordadas nas entrevistas e são oportunas de serem expostas. Todos os pais entrevistados se consideram em uma condição de

boa qualidade de vida, conforme o depoimento do Entrevistado 3, “eu considero que tenho uma qualidade de vida boa, obviamente podia ser melhor, se calhar mudava uma coisa ou duas, mas eu acho que não, acho que neste momento como estou, estou bem, considero-me satisfeito”, e do Entrevistado 5, “eu acho que tenho uma grande qualidade de vida, honestamente, penso que sou um privilegiado dentro daquilo que é a minha geração”.

Questões de saúde física e mental também foram apontadas pelos pais. Quanto à saúde física, alguns dos pais apontam problemas, como o Entrevistado 2, “física está péssima”. Os problemas estão associados à diversas causas, sendo uma delas a falta de tempo para a prática de atividade física. Quanto à saúde mental, avaliam-se bem no geral, mas com situações pontuais associadas principalmente ao contexto profissional, e agravado pela situação pandêmica, conforme relato do Entrevistado 1.

Já tive momentos de forte ansiedade, insônias, insônias mesmo, de ter várias noites sem conseguir dormir, e ter que, posso dizer que nunca cheguei a tomar medicação para dormir, nos períodos mais críticos, misturado com trabalho, e dificuldade de adaptação ao teletrabalho, e certas situações nas funções profissionais, recrutamento de pessoas, etc., que pegaram, quer dizer, me levou ao estresse, pronto, estresse e ansiedade muito grande, como é que eu de dizer, neste momento, estou em uma fase de tentar estar mais estável (Entrevistado 1).

As estratégias são diversas para gerir o estresse da vida diária. Alguns tentam buscar mudanças de hábitos de saúde, como alimentação, sono, atividade física e hobbies, outros apostam em ajuda profissional com psicoterapia, como o Entrevistado 7, “eu tinha muitos episódios de cefaleia e de dores aqui na cervical, e depois comecei a perceber que isso tinha a ver com questões emocionais associadas a estresse e comecei a fazer psicoterapia para ajudar nisso”. Outros ainda apostam em tentar desenvolver resiliência individualmente. O objetivo dos novos hábitos é melhoria da qualidade de vida, saúde física e mental.

Discussão

O presente estudo teve como principal objetivo caracterizar a vivência da paternidade em Portugal na atualidade, nos seus aspectos mais subjetivos. Os resultados trouxeram seis temas principais, (1) Prazer e realização no exercício da paternidade; (2) A mulher tem algo que o homem não tem no exercício da parentalidade; (3) O pai é competente no cuidar; (4) Ser pai e ser mãe são coisas diferentes, mas ambos são importantes e necessários; (5) Pai e mãe presentes e atuantes, com colaboração mútua, em uma real flexibilização dos estereótipos de gênero; e (6) Paternidade e carreira profissional, ambos são importantes, e difíceis de conciliar. Adicionalmente, questões relativas à saúde, física e mental, e qualidade de vida, também foram exploradas no estudo e estiveram presentes nos resultados.

A partir dos resultados apresentados, pode-se visualizar mudanças no exercício e vivência da paternidade na atualidade em Portugal. Essas mudanças se referem principalmente ao lugar ocupado pelo pai nos cuidados e no desenvolvimento da criança. Dentro da amostra estudada, os pais ocupam o lugar de cuidadores, sem deixar de serem provedores. Ou seja, pais e mães ocupam lugares próximos no exercício da parentalidade, como cuidadores e provedores, dividindo esses papéis, que outrora, socialmente e culturalmente foram rigorosamente separados (Torres, 1996; Wall, 2010; Wall et al., 2010; Wall, 2015).

Com isso, aspectos relacionados à vivência individual da paternidade, a relação e os cuidados com a criança, o papel da mãe, a relação coparental, a gestão familiar e a conciliação com as carreiras de ambos, pai e mãe, desenvolvem-se em uma dinâmica e contexto de desconstrução de estereótipos de gênero (Cossi, 2020, Dunker, 2020; Iaconelli, 2020; Monteiro et al., 2019; Quinet, 2020; Wall, 2010). Isso vem de encontro com o que nos propõe a psicanalista Vera Iaconelli (2019), “esse é o novo paradigma da contemporaneidade e implica uma nova masculinidade e uma nova feminilidade. A mulher também sustenta o lar e o homem também cuida da casa e dos filhos” (p. 47).

O tema “Prazer e realização no exercício da paternidade” mostra a importância dada para esta vivência na vida dos homens entrevistados. Desejaram ser pais desde muito cedo, conforme já exposto na literatura (Cunha, 2010). São felizes como pais, e mesmo diante das dificuldades diárias, de ordem prática e emocional, inerentes ao papel, vivenciam o mesmo de forma engajada e prazerosa, evidenciando uma certa ambivalência de sentimentos que fazem

parte da experiência (Iaconelli, 2019; Krob, Piccinini & Silva, 2009; Silva, Pinto, & Martins, 2021).

Dentre os depoimentos compartilhados, observa-se que o prazer em ser pai mobiliza os homens para a promoção de mudanças sociais, e também em si próprios. Os aprendizados vividos na relação parental e a vontade de serem pais sempre melhores, geram desenvolvimento pessoal, e um reposicionamento psíquico (Cherer, Ferrari & Piccinini, 2018; Krob et al., 2009; Silva et al., 2021).

Um estudo realizado com pais brasileiros, também casados e que se consideram cuidadores de seus filhos, identificou como a principal razão para o envolvimento dos mesmos nos cuidados dos filhos, o prazer que eles apontam com essa experiência (Sutter & Bucher-Maluschke, 2008). Importante apontar que esse prazer que sentem pode ser determinante para os manter neste lugar de pais engajados com os cuidados e o desenvolvimento da criança, e ainda fazerem os pais continuarem reivindicando, no núcleo familiar e na sociedade, lugar de maior protagonismo na parentalidade, assim como as mães já o têm.

O tema “A mulher tem algo que o homem não tem no exercício da parentalidade” traz um aspecto importante para reflexão sobre a perspectiva dos homens a respeito das mulheres no exercício da maternidade. Para eles, elas têm algo que eles não têm, e neste sentido, eles próprios as colocam em um lugar diferenciado, com uma certa superioridade no exercício da parentalidade, fazendo-os permanecerem em um lugar de menor importância e secundário (Perälä-Littunen, 2018). Esse lugar secundário para os pais é ainda muito presente culturalmente (Visentin & Lhullier, 2019; Cesar, et al., 2020), e alimentado por práticas sociais (Nygren, et al., 2018).

No decorrer das entrevistas, os pais puderam expor suas perspectivas, que ora pareciam conotar supervalorização, e ora uma certa inveja. A supervalorização é suposta pelo fato dos pais expressarem que visualizam nas mães uma certa excelência, que eles, por mais dedicados que sejam, não conseguem ter no exercício da parentalidade. Uma visão que pode estar influenciada por fantasia e idealização, conforme propõe Iaconelli (2019), ou ainda pelo modelo patriarcal (Badinter, 1996, Cossi, 2020, Schmidt et al., 2021). Além disso, uma certa inveja ficou evidente quanto ao corpo privilegiado da mulher que pode gerar, parir e amamentar. Experiências que os pais parecem sentir muito por não poderem viver, e ao mesmo tempo

considerarem que essas vivências, no desenvolvimento da relação com a criança, podem ter muita influência e promover privilégios e vantagens para as mães.

Para refletir sobre a vivência desta diferença física, imutável, parece oportuno voltar um pouco aos primórdios da psicanálise. Sigmund Freud, dando seguimento ao desenvolvimento da teoria psicanalítica, quanto à Sexualidade Infantil, o Complexo de Castração e o Complexo de Édipo, propôs diferenças vividas entre meninos e meninas. De forma bastante resumida, para Freud, os meninos e as meninas, ao perceberem a diferença anatômica dos genitais, ainda em tenra idade, reagem e internalizam inconscientemente de formas diferentes, e isso teria consequências para o desenvolvimento psíquico e sexual. A menina teria inveja do menino por ele ter um pênis, e o menino aversão ou menosprezo à menina por considerar que ela teria sido mutilada. A inveja que a menina sentiria do menino, instalaria nela um sentimento de inferioridade e humilhação por não ter algo que o menino tem. Na sequência, ela aceitaria a diferença como inalterável, e substituiria seu desejo de ter um pênis, pelo desejo de ter um filho, constituindo a resolução do Complexo de Édipo (Freud, 1925/2011; Roudinesco & Plon, 1998)

A proposta de Freud foi severamente criticada, tanto pelo fato de sugerir a mulher em uma condição de inferioridade em relação ao homem, por ele ter algo que ela não tem ou que perdeu, por ter sido simbolicamente mutilada, sendo assim percebida por ela própria, menina, quanto pelo menino. Além disso, coloca o desejo pela maternidade como a única saída possível para o desejo da mulher. As críticas advieram de diversas áreas, mas principalmente por precursoras dos movimentos feministas, como Simone de Beauvoir, e inclusive por outros psicanalistas, como Melanie Klein e Karen Horney. Esta última, como resposta, propôs que os homens tinham inveja do útero, da amamentação e do parto (Badinter, 1996; Pombo, 2018; Roudinesco & Plon, 1998).

A visão de Freud, assim como de todos os outros teóricos, não podem ser analisadas sem considerar o contexto cultural e histórico ao qual estavam inseridos. Os primórdios teóricos da psicanálise se deram a partir de uma amostra clínica bastante limitada, com suas particularidades culturais, econômicas e sociais, e isso não pode ser desconsiderado em uma análise crítica. Depois de Freud, muitos outros psicanalistas investiram esforços para renovar sua proposta. Lacan, também à luz de seu tempo científico, histórico e social, propôs uma nova visão, ao invés do pai, a função paterna como um significante, que pode ser exercida por qualquer pessoa ou instituição, e é fundamental para o desenvolvimento psíquico. A proposta

lacaniana também foi alvo de críticas. Na atualidade, ainda temos psicanalistas que justificam seus constructos sobre desenvolvimento psíquico a partir de modelos considerados tradicionais e patriarcais, mas existem muitos outros que alargam a discussão e vão além do que seus antecessores propuseram, considerando e valorizando todas as mudanças já conquistadas quanto a igualdade de gênero (Cossi, 2020; Pombo, 2018; Roudinesco & Plon, 1998).

De qualquer forma, se faz importante uma reflexão de como homens e mulheres percebem, internalizam e reagem às diferenças entre os gêneros. Por mais igualdade que se busque, não se pode desconsiderar as diferenças, com o desafio de não se atribuir juízo de valor ou qualificar as diferenças. Como pode ser visto nos resultados, os pais entrevistados têm, o que nomeamos como uma certa inveja, em relação ao que as mães têm a oportunidade de viver pelo corpo com o filho, o gestar, parir e amamentar.

O próximo tema, “O pai é competente no cuidar”, é o que traz a conclusão dos pais quanto a própria competência ao exercer os cuidados com os/as filhos/as, mesmo atribuindo às mães a excelência nos cuidados, conforme descrito no tema anterior. Eles se reconhecem competentes à sua maneira, conforme já identificado por Perista et al. (2016). Esse fator é importante e interfere diretamente no bom exercício da coparentalidade, conforme aponta Favez et al. (2016).

Além disso, conforme apresentado nos resultados, alguns pais, mesmo se considerando competentes, manifestaram grande insegurança quanto à vivência da paternidade, no exercício dos cuidados, na condução da educação, no estabelecimento de regras, e o desenvolvimento. São pais que trouxeram evidências de bons cuidadores, de pais presentes e engajados. Pais que, inclusive, na divisão das tarefas domésticas, são responsáveis pela alimentação de toda a família, algo socialmente bastante simbólico quanto aos cuidados, mas que ainda sim os acompanham o sentimento de insegurança. Conforme aponta Wroe et al. (2019), os desafios e aprendizados constantes, inerentes à paternidade, e também as idealizações, geram estes sentimentos nos pais.

Eles ainda relatam que estes sentimentos começaram já no período da gestação, e os acompanham até hoje. São sentimentos que não os impedem de serem bons pais, mas que podem interferir no seu bem-estar e saúde mental, conforme alguns estudos apontam (Kiviruusu et al., 2019; Tarsuslu et al., 2020). Outros estudos alertam para a falta de apoio aos pais, desde a gestação, no desenvolvimento da paternidade, e o quanto espaços de apoio e maior atenção

poderiam os ajudar a viver essa experiência de maneira mais segura (Silva et al., 2021; Trindade et al., 2019; Warren, 2020).

O tema “Ser pai e ser mãe são coisas diferentes, mas ambos são importantes e necessários” é fruto das reflexões que os entrevistados fizeram ao longo das entrevistas. Começavam seus discursos com a supervalorização das mães, muito influenciados pelo discurso social prevalente (Cesar et al., 2020; Nygren et al., 2018; Perälä-Littunen, 2018; Visentin & Lhullier, 2019), mas conforme iam respondendo as questões e refletindo, davam-se conta de que também eram competentes no exercício dos cuidados parentais, como descrito no tema anterior.

Com isso, concluíam que o papel do pai e da mãe são diferentes, sem qualificar um como melhor do que o outro, atribuindo igual importância, mas reconhecendo as diferenças. Os pais se colocam em igualdade de importância no desenvolvimento da criança, mesmo considerando que há coisas que um não faz bem, pai ou mãe, mas o outro faz, e assim conseguem se complementar, pautando-se em características pessoais, e não em estereótipos de feminilidade e masculinidade. Pela fala deles, retirando os aspectos biológicos (gestação, parto e amamentação), como descrito no tema “A mulher tem algo que o homem não tem no exercício da parentalidade”, essas diferenças são atribuídas às características individuais, de personalidade de cada um. Alguns estudos sobre coparentalidade apontam as características individuais de cada pai como um dos fatores importantes para o bom exercício da coparentalidade (Lamela et al., 2010; McDaniel et al., 2018), como será visto no tema a seguir.

O tema “Pai e mãe presentes e atuantes, com colaboração mútua, em uma real flexibilização dos estereótipos de gênero” ilustra uma realidade diferente vivida no núcleo familiar, se compararmos os modelos patriarcais de mães cuidadoras e pais provedores (Badinter, 1996; Cossi, 2020, Dunker, 2020; Iaconelli, 2020; Monteiro et al., 2019; Quinet, 2020; Torres, 1996; Wall, 2010; Wall, 2015). Também é oportuno pontuar, que já foi apresentado na literatura, que a paternidade em Portugal se mostra de forma bastante plural, demonstrando o processo de renovação que está acontecendo socialmente, desde modelos tradicionais até modelos renovados de paternidade (Wall et al., 2010), semelhantes aos apresentados nos resultados deste estudo.

Conforme descrito nos resultados e exemplificado pelos excertos, o casal participa em conjunto da gestão do dia a dia da família, tanto em relação aos cuidados da criança, quanto

com as atividades domésticas, a gestão de horários e carreira de ambos os pais. Diferente do que mostra a literatura (Perista et al., 2016), as mães não assumem mais do que os pais as atividades domésticas ou os cuidados com as crianças. Parece não haver um que faça mais e esteja sobrecarregado, ou tenha um papel central e de destaque, em detrimento do outro, pelo contrário, ambos estão atuando de forma protagonista e contribuindo igualmente para a gestão familiar, indo ao encontro do que é proposto por Feinberg (2003) quanto ao bom exercício da coparentalidade.

Um fator que parece ser determinante para que isso aconteça é a atividade profissional das mães. Conforme descrito na literatura (Badinter, 1996; Cossi, 2020; Iaconelli, 2019; Monteiro et al., 2019; Roudinesco, 2003), as mulheres que trabalham abrem espaço na vida familiar, e convocam os pais para uma paternidade mais presente. Dentre os entrevistados, todos assumiram, desde o princípio de suas relações, o papel conjunto com suas companheiras, de partilha de tarefas domésticas. Posteriormente, com a chegada da criança, mantiveram a partilha, já anteriormente estabelecida desde o princípio da relação. Sete, dos oito entrevistados, dividiam essa realidade de duplo-emprego com suas esposas, e um deles, temporariamente, ela não estava trabalhando. Mesmo assim, segundo todos os entrevistados, o investimento na vida profissional delas é de extrema importância, e há total engajamento quanto ao sucesso profissional das mães.

Além disso, o espaço que se abre, exige e permite que o pai participe mais da vida familiar e dos cuidados com os filhos, gerando, conforme já apresentado no tema “O pai é competente no cuidar”, a sensação de competência, e potencializando o engajamento do pai nos cuidados com o/a filho/a. Isto porque percebe que consegue o fazer, suprimindo as necessidades da criança, e contribuindo de forma significativa para o seu bom desenvolvimento, promovendo a boa coparentalidade, conforme é evidenciado pela literatura (Favez et al., 2016; Varga et al., 2014).

Ademais, é apontado na literatura que quando há reivindicação do pai por mais espaço na tríade pai-mãe-filho há maior conflito na relação coparental (Favez, et al. 2016; Schmidt et al., 2021), o que não foi observado dentre os entrevistados, razão que se atribui ao exercício profissional pleno das mães na amostra estudada. Elas dividem seu interesse, não estão focadas exclusivamente na maternidade, o que permite que os pais tenham o espaço que almejam, e assim não haja conflitos coparentais.

A questão profissional, no que diz respeito a conciliação com a paternidade, se apresenta como a maior dificuldade para os pais entrevistados, trazendo-lhes grande angústia e estresse, como foi possível constatar no tema “Paternidade e carreira profissional, ambos são importantes, e difíceis de conciliar”. Estudos têm evidenciado esta realidade (Haas & Hwang, 2019; Holmes et al., 2020; Moran & Koslowski, 2019; Perälä-Littunen, 2018; Tanquerel & Grau-Grau, 2019).

Algumas hipóteses surgem a respeito da dificuldade de conciliação entre paternidade e carreira. Uma delas se refere ao significado para o trabalho. Para todos os entrevistados, o trabalho é algo importante, e os pais não querem deixar de investir em uma carreira com significado, com busca por reconhecimento e crescimento. Porém, nos modelos de trabalho atuais, para haver crescimento, são necessárias jornadas muito longas e demandas muito altas, impedindo a paternidade presente e cuidadora (McLaughlin & Muldoon, 2014; Tanquerel & Grau-Grau, 2019), e interferindo negativamente na relação coparental (Holmes et al., 2020; McDaniel et al., 2018; Petts & Knoester, 2020; Zhao et al., 2020).

Um outro desafio se coloca neste âmbito, que é a consolidação da desconstrução de estereótipos relacionados a esses dois importantes papéis sociais de homens e mulheres: a parentalidade e a carreira profissional (Jones et al., 2021). O desafio pode parecer ambíguo, mas na prática pode ser bastante convergente. No ambiente profissional, enquanto os homens precisam abrir espaço para suas necessidades como pais, as mulheres precisam abrir espaço para suas necessidades como profissionais, e esses dois fatores ainda enfrentam muitas barreiras dentre a maioria dos empregadores (Amâncio & Santos, 2021; Haas & Hwang, 2019; Moran & Koslowski, 2019).

As mulheres, apesar de já terem um espaço bastante conquistado, ainda enfrentam muitas dificuldades para terem igualdade em relação aos homens quanto à remuneração e ascensão de carreira (Amâncio & Santos, 2021). Os homens enfrentam barreiras no usufruto de políticas de licenças parentais (Haas & Hwang, 2019). Um pai sair do trabalho para levar o filho ao médico, assim como uma mulher ser promovida para uma posição de liderança, ainda são situações vistas com resistência (Amâncio & Santos, 2021; Haas & Hwang, 2019; Moran & Koslowski, 2019).

Foi possível observar que os pais entrevistados que conseguem ter mais autonomia para gerir a conciliação da carreira e paternidade, de forma mais satisfatória, são aqueles que

migraram para um modelo de trabalho autônomo e empreendedor, ou que assumiram altas posições de liderança dentro da empresa, e se beneficiam de jornadas reduzidas ou flexíveis, conforme já demonstrado na literatura (Chu & Lee, 2019; Jones et al., 2021). Aqueles que ainda estão em posições de base nas estruturas organizacionais enfrentam mais dificuldades. O que se propõe é a reflexão e construção de estratégias colaborativas entre homens e mulheres para a transposição destas barreiras vividas por todos em âmbito profissional.

Sobre a qualidade de vida, todos os pais entrevistados mencionam ter uma boa qualidade de vida, mas apontam questões de saúde física ligadas à falta de tempo para melhores hábitos de saúde, e questões de saúde mental relacionadas ao estresse do trabalho. A literatura expõe que a condição de saúde do pai determina a forma como exercerá a paternidade (Chu & Lee, 2019; Fisher, 2016). O tempo é uma questão importante para os pais, tanto para poderem desenvolver suas carreiras, como para exercerem a paternidade, e quem sabe poderem ter algum tempo para outros interesses e outras funções sociais.

Considerações Finais

O presente estudo trouxe uma pequena amostra de informações relevantes, já descritas pela literatura, mas ainda pouco auferidas no contexto português, sobre o lugar ocupado pelo pai nos cuidados e desenvolvimento da criança. Como visto, dentro da amostra estudada, consoante as suas limitações, pode-se verificar que os pais ocupam o lugar de cuidadores dedicados, sem deixar de serem provedores, dividindo esses papéis com as mães. Apesar das influências históricas de modelos patriarcais presentes na cultura, esses pais, em conjunto com suas companheiras, investem continuamente em relações presentes e fortes com seus filhos, promovendo mais igualdade parental, e conseqüentemente contribuindo para a igualdade de gênero.

Ademais, é fundamental continuar a investigação nesta área, para produção de mais evidências que justifiquem intervenções efetivas por mais igualdade no exercício da parentalidade, permitindo ganhos para a saúde dos homens, das mulheres e das crianças.

Limitações

O presente estudo teve limitações relativas ao acesso e dimensão da amostra. Houve dificuldades para recrutamento da mesma. Esta pode ser atribuída a uma possível reserva dos

homens em se expor e falar de si, o que pode ser uma barreira para a participação deles. E também fatores relativos à pandemia e ao elevado nível de estresse e cansaço físico e mental provocados pelos confinamentos, gerando indisponibilidade para contribuir para o estudo. Mesmo com essa limitação, optou-se por manter os requisitos da amostra visando a homogeneidade da mesma, por entender que teria impactos nos resultados.

Uma oportunidade se faz presente. O aprofundamento da temática do estudo poderia se dar comparando com amostras com outras características, por exemplo pais por adoção, pais transgêneros, pais divorciados, com ou sem residência alternada, pais homossexuais, enfim, outras possibilidades de vivência da paternidade em diferentes configurações familiares. Supostamente, diversas configurações familiares podem promover diversas experiências da paternidade. Além disso, ter mais diversidade na amostra quanto a escolaridade, carreiras, estatuto econômico e estatuto social.

Referências

- Assembleia da República (2020). Lei n.º 65/2020. *Diário da República*, 215, 3-4. Disponível em <https://dre.pt/pesquisa/-/search/147533134/details/maximized>
- Amâncio, L., & Santos, M. H. (2021). Gender equality and modernity in Portugal. An analysis on the obstacles to gender equality in highly qualified professions. *Social Sciences*, 10, 162. doi: 10.3390/socsci10050162
- Badinter, E. (1996). *XY – A Identidade Masculina*. Portugal: Edições Asa.
- Barroso, R. G., & Machado, C. (2010). Definições, dimensões e determinantes da parentalidade. *Psychologica*, 52, 211-229. doi: 10.14195/1647-8606_52-1_10
- Braun, V., & Clarke, V. (2006). Using thematic analysis in psychology. *Qualitative Research in Psychology*, 3, 77–101. doi: 10.1191/1478088706qp063oa
- Cesar, F., Oliveira, A., & Fontaine, A. M. (2020). Mães cuidadoras, pais imperfeitos: diferenças de gênero numa revista portuguesa para mães e pais. *Ex aequo*, 41, 179-194. doi: 10.22355/exaequo.2020.41.11
- Cherer, E. Q., Ferrari, A. G., & Piccinini, C. A. (2018). Tornar-se pai: A paternidade como inscrição subjetiva da finitude. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 34, 1-11. doi: 10.1590/0102.3772e34433
- Cho, S., Cui, M., & Claridge, A. M. (2020). Perceived coparenting support and later relationship status among cohabiting parents. *The American Journal of Family Therapy*, 48, 177-194. doi: 10.1080/01926187.2019.1684852
- Chu, H. S., & Lee, H. (2019). Relationship between paternal psychological distress and involvement in childcare among fathers of preschool-aged children: mediating effect of maternal psychological distress. *BMC Pediatrics*, 19, 1-10. doi 10.1186/s12887-019-1688-z
- Comissão para a Igualdade no Trabalho e no Emprego CITE (2016). *Evolução no uso das licenças de parentalidade (2005-2016)*. Portugal: Comissão para a Igualdade no

Trabalho e no Emprego. Disponível em http://cite.gov.pt/pt/destaques/complementosDestqs2/evol_parent_2005_2016.pdf

Cossi, R. K. (2020). Masculinidade e paternidade. In: Teperman, D.; Garrafa, T.; & Iaconelli, V. (Org.). *Gênero* (pp. 33-48). Brasil: Autêntica Editora.

Cunha, V., Atalaia, S., & Wall, K. (2016). *Policy Brief II - Homens e licenças parentais: Quadro legal, atitudes e práticas*. Portugal: Instituto de Ciências Sociais / Comissão para a Igualdade no Trabalho e no Emprego. Disponível em http://cite.gov.pt/asstscite/images/papelhomens/P_Brief_II.pdf

Dunker, C. I. L. (2020). Economia libidinal da parentalidade. In: D. Teperman, T. Garrafa, & V. Iaconelli (Org.). *Parentalidade* (pp. 39-54). Brasil: Autêntica.

Faria, M. R. (2020). Função paterna e função materna. In: Teperman, D.; Garrafa, T.; & Iaconelli, V. (Org.). *Gênero* (pp. 25-32). Brasil: Autêntica Editora.

Favez, N., Tissot, H., Frascarolo, F., Stiefel, F., & Despland, J. N. (2016). Sense of competence and beliefs about parental roles in mothers and fathers as predictors of coparenting and child engagement in mother–father–infant triadic interactions. *Infant and Child Development*, 25, 283–301. doi: 10.1002/icd.1934

Feinberg, M. (2003). The internal structure and ecological context of coparenting: A framework for research and intervention. *Parenting*, 3, 85-131. doi: 10.1207/S15327922PAR0302_01

Fiorini, L. G. (2017). Subjetividades em transição, parentalidades contemporâneas: diversidade e diferença. *Revista Brasileira de Psicanálise*, 51, 91-102.

Fisher, S. D. (2016). Paternal mental health: why is it relevant? *American Journal of Lifestyle Medicine*, 10, 1-12. doi: 10.1177/1559827616629895

Freud, S. (2011). Algumas consequências psíquicas da diferença anatômica entre os sexos. In: *Obras Completas, volume 16: O Eu e o Id, "autobiografia" e outros textos (1923-1925)* (pp. 283-299). Brasil: Companhia das Letras.

- Haas, L., & Hwang, C. P. (2019). Workplace support and European fathers' use of state policies promoting shared childcare. *Community, Work & Family*, 22, 1–22. doi:10.1080/13668803.2018.1556204
- Holmes, E. K., Petts, R. J., Thomas, C. R., Robbins, N. L., & Harry, T. (2020). Do workplace characteristics moderate the effects of attitudes on father warmth and engagement? *Journal of Family Psychology*, 34, 867–878. doi: 10.1037/fam0000672
- Iaconelli, V. (2019). *Criar Filhos no Século XXI*. Brasil: Contexto.
- Iaconelli, V. (2020). Sobre as origens: muito além da mãe. In: D. Teperman, T. Garrafa, & V. Iaconelli (Org.). *Parentalidade* (pp.11-22). Brasil: Autêntica.
- Jones, C., Wells, J., Imrie, S., & Golombok, S. (2021). Transitions into and out of work: Stay-at-home fathers' thoughts and feelings: A brief report. *Journal of Men's Studies*, 0, 1–11. doi: 10.1177/10608265211032097
- Kiviruusu, O., Pietikäinen, J. T., Kylliäinen, A., Pölkki P., Saarenpää-Heikkilä, O., Marttunen, M., Paunio, T., & Paavonen, E. J. (2019). Trajectories of mothers' and fathers' depressive symptoms from pregnancy to 24 months postpartum. *Journal of Affective Disorders*, 260, 629–637. doi:10.1016/j.jad.2019.09.038
- Krob, A. D., Piccinini, C. A., & Silva, M. R. (2009). A transição para a paternidade: da gestação ao segundo mês de vida do bebê. *Psicologia USP*, 20, 269-291. doi: 10.1590/S0103-65642009000200008
- Lamela, D., Nunes-Costa, R., & Figueiredo, B. (2010). Modelos teóricos das relações coparentais: Revisão crítica. *Psicologia em Estudo*, 15, 205-216. doi:10.1590/S1413-73722010000100022
- Maroco, J. (2018). *Análise Estatística com o SPSS Statistics* (7.^a Ed.). Pêro Pinheiro: ReportNumber.
- McClain, L., & Brown, S. L. (2017). The roles of fathers' involvement and coparenting in relationship quality among cohabiting and married parents. *Sex Roles*, 76, 334-345. doi: 10.1007/s11199-016-0612-3

- McDaniel, B. T., Teti, D. M., & Feinberg, M. E. (2018). Predicting coparenting quality in daily life in mothers and fathers. *Journal of Family Psychology, 32*, 904-914. doi: 10.1037/fam0000443
- Mclaughlin, K., & Muldoon, O. (2014). Father identity, involvement and work–family balance: An in-depth interview study. *Journal of Community & Applied Social Psychology, 24*, 439–452. doi: 10.1002/casp.2183
- Monteiro, L., Torres, N., & Salinas-Quiroz, F. (2019). Preditores do envolvimento paterno numa amostra de famílias portuguesas. O papel das crenças parentais. *Suma Psicológica, 26*, 94-102. doi: 10.14349/sumapsi.2019.v26.n2.5
- Moran, J., & Koslowski, A. (2019). Making use of work–family balance entitlements: how to support fathers with combining employment and caregiving. *Community, Work & Family, 22*, 111-128. doi: 10.1080/13668803.2018.1470966
- Moro, M. R. (2017). Parentalidade e diversidade cultural. *Revista Brasileira de Psicanálise, 51*, 137-149.
- Nygren, K., Walsh, J., Ellingsen, I. T., & Christie, A. (2018). What about the fathers? The presence and absence of the father in social work practice in England, Ireland, Norway, and Sweden - A comparative study. *Child & Family Social Work, 24*, 148–155. doi: 10.1111/cfs.12592
- Oliveira, G. (2020). *Notas sobre a Residência Alternada* (considerando os projetos de lei pendentes na Assembleia da República - 2020), 2.^a ed. Disponível em [http://www.guilhermedeoliveira.pt/resources/Notas-sobre--RESIDENCIA-ALTERNADA-\(considerando-os-projetos-de-lei-pendentes-na-AR\)-2-edicao.pdf](http://www.guilhermedeoliveira.pt/resources/Notas-sobre--RESIDENCIA-ALTERNADA-(considerando-os-projetos-de-lei-pendentes-na-AR)-2-edicao.pdf)
- Perälä-Littunen, S. (2018). Childcare and work – exploring the views of Finnish mothers and fathers. *Community, Work & Family, 21*, 209–225. doi: 10.1080/13668803.2016.1274289
- Perista, H., Cardoso, A., Brázia, A., Abrantes, M., & Perista, P. (2016). *Os usos do tempo de homens e de mulheres em Portugal*. Portugal: CESIS – Centro de Estudos para a

Intervenção Social e CITE – Comissão para a Igualdade no Trabalho. Disponível em https://eeagrants.cig.gov.pt/wp-content/uploads/2019/02/INUT_livro_digital.pdf

- Petts, R. J., & Knoester, C. (2020). Are parental relationships improved if fathers take time off of work after the birth of a child? *Social Forces*, 98, 1223-1256. doi: 10.1093/sf/soz014
- Pombo, M. (2018). Crise do patriarcado e função paterna: Um debate atual na psicanálise. *Psicologia Clínica*, 30, 447-470. doi: 10.33208/PC1980-5438v0030n03A03
- Quinet, A. (2020). Entre o inconsciente e a cultura: o sujeito. In: Teperman, D.; Garrafa, T.; & Iaconelli, V (Org.). *Gênero* (pp. 65-84) . Brasil: Autêntica Editora.
- Roudinesco, E. (2003). *A família em desordem*. Brasil: Jorge Zahar.
- Roudinesco, E., & Plon, M. (1998). *Dicionário de Psicanálise*. Brasil: Jorge Zahar.
- Schmidt, B., Schoppe-Sullivan, S. J., Frizzo, G. B., & Piccinini, C. A. (2021). Coparenting across the transition to parenthood: Qualitative evidence from south-brazilian families. *Journal of Family Psychology*, 1, 1-12. doi: 10.1037/fam0000700
- Silva, C., Pinto, C., & Martins, C. (2021). Transição para a paternidade no período pré-natal: um estudo qualitativo. *Ciência & Saúde Coletiva*, 26, 465-474. doi: 10.1590/1413-81232021262.41072020
- Silva, M. R., Gabriel, M. R., Cherer, E. Q., & Piccinini, C. A. (2017). Os conceitos de envolvimento e experiência nos estudos sobre paternidade. *Arquivos Brasileiros de Psicologia*, 69, 116-132.
- Souza, F. H. O. (2018). Mutações sociais, família e parentalidade. Uma entrevista com Gérard Neyrand. *Psicologia e Sociedade*, 30, 1-7. doi:10.1590/1807-0310/2018v30161410
- Sutter, C., & Bucher-Maluschke, J. S. N. F. (2008). Pais que cuidam dos filhos: A vivência masculina na paternidade participativa. *Psico*, 39, 74-82.
- Tanquerel, S., & Grau-Grau, M. (2019). Unmasking work-family balance barriers and strategies among working fathers in the workplace. *Organization*, 27, 680-700. doi: org/10.1177/1350508419838692

- Tarsuslu, B., Durat, G., & Altinkaynak, S. (2020). Postpartum depression in fathers and associated risk factors: A systematic review. *Turkish Journal of Psychiatry*, 31, 280-289. doi:10.5080/u25084
- Torres, A. (1996). *Divórcio em Portugal, Ditos e Interditos – uma análise sociológica*. Portugal: Celta Editora.
- Torres, A. (Coord.), Pinto, P. C., Costa, D., Coelho, B., Maciel, D., Reigadinha, T., & Theodoro, R. (2018). *Igualdade de género ao longo da vida: Portugal no contexto europeu*. Portugal: Fundação Francisco Manuel dos Santos.
- Trindade, Z., Cortez, M. B., Dornelas, K., & Santos, M. (2019). Pais de primeira viagem: Demanda por apoio e visibilidade. *Saúde e Sociedade*, 28, 250-261. doi: 10.1590/S0104-12902019170892
- Varga, C. M., Gee, C. B., Rivera, L., & Reyes, C. X. (2014). Coparenting mediates the association between relationship quality and father involvement. *Youth & Society*, 1-22. doi:10.1177/0044118X14548529
- Visentin, P. M., & Lhullier, C. (2019). Representações sociais da paternidade: Um estudo comparativo. *Fractal: Revista de Psicologia*, 31, 305-312. doi: 10.22409/1984-0292/v31i3/5640
- Wall, K. (2010). Os homens e a política de família. In K. Wall, S. Aboim, & V. Cunha (Coord.). *A vida familiar no masculino: Negociando velhas e novas masculinidades* (pp. 67-94). Portugal: Comissão para a Igualdade no Trabalho e no Emprego. Disponível em http://40.69.193.160/asstscite/downloads/publics/A_vida_masculino.pdf
- Wall, K. (2015). Fathers in Portugal: from old to new masculinities. In J. P. Roopnarine (Ed.), *Fathers across cultures: the importance, roles, and diverse practices of dads* (pp. 132-154). USA: Praeger.
- Wall, K., Aboim, S., & Marinho, S. (2010). Perfis de paternidade no Portugal contemporâneo. In K. Wall, S. Aboim, & V. Cunha (Coord.). *A vida familiar no masculino: negociando velhas e novas masculinidades* (pp. 313-332). Portugal: Comissão para a Igualdade no

Trabalho e no Emprego. Disponível em
http://40.69.193.160/asstscite/downloads/publics/A_vida_masculino.pdf

Warren, J. (2020). Supporting men in their transition to fatherhood. *Journal of Prenatal & Perinatal Psychology & Health*, 34, 230-237.

Wroe, J., Campbell, L., Fletcher, R., & McLoughland, C. (2019). “What am I thinking? Is this normal?” A cross-sectional study investigating the nature of negative thoughts, parental self-efficacy and psychological distress in new fathers. *Midwifery*, 79, 1-11. doi: 10.1016/j.midw.2019.08.009

Zhao, Y., Cooklin, A. R., Richardson, A., Strazdins, L., Butterworth, P., & Leach, L. S. (2020). Parents’ shift work in connection with work–family conflict and mental health: Examining the pathways for mothers and fathers. *Journal of Family Issues*, 0, 1–29. doi: 10.1177/0192513X20929059

Anexos

Anexo A

Carta de Consentimento Informado

Paternidade: O lugar ocupado pelo pai nos cuidados e desenvolvimento da criança.

Em primeiro lugar, gostaria de agradecer o seu interesse em participar deste estudo, que faz parte do mestrado em Psicologia da Saúde do Instituto Superior de Ciências Psicológicas, Sociais e da Vida – ISPA, que está sendo desenvolvido pela mestranda Rosilene Sessin de Fraga, sob orientação do Professor Doutor Pedro Alexandre Costa.

O estudo aborda a paternidade, o lugar ocupado pelo pai nos cuidados e desenvolvimento da criança. O objetivo é explorar características do exercício da paternidade, quanto à divisão de tarefas e responsabilidades, à percepção da importância da presença do pai, em comparação com a mãe, e à conciliação do pai com outras funções sociais que exerce, como trabalho, lazer, amigos, etc., e quanto à sua qualidade de vida e saúde.

Gostariamos de entrevistar pais portugueses, residentes em Portugal, entre 25 e 45 anos, com apenas um(a) filho(a), entre 03 e 11 anos de idade, casados ou em união estável com a mãe, sendo o filho por concepção natural ou assistida.

A entrevista será baseada em perguntas abertas, e a partir destas, outras questões poderão surgir. Também será solicitado o preenchimento de alguns dados sociodemográficos. Será realizada individualmente, online (Zoom, Skype, ou algum outro aplicativo de preferência do participante), com data e horário agendados com antecedência, e duração em torno de 1h00. O link e as orientações para acesso a chamada serão enviados com a antecedência de 24 horas. Solicita-se que o local de realização da chamada seja uma sala fechada e individual, visando preservar a confidencialidade dos dados.

A entrevista será gravada e transcrita. A gravação será destruída imediatamente após a transcrição, e esta será guardada digitalmente por cinco anos, preservando os dados, o anonimato e a confidencialidade, tendo acesso somente a equipe de investigação, e posterior à esse período, também será destruída. É importante ressaltar que o estudo tem parecer favorável da comissão de ética do ISPA.

A participação neste estudo não lhe trará quaisquer custos ou riscos, e serão garantidos o sigilo e a confidencialidade de todas as informações obtidas, além de resguardadas todas as questões éticas e deontológicas. A sua participação nesse estudo é voluntária, podendo ser recusada e/ou encerrada à qualquer momento, sem qualquer prejuízo para você, inclusive, após o final da entrevista, o participante tem até duas semanas para comunicar sua desistência em participar do estudo, e caso decida por tal, a mesma deverá ser informada por e-mail, conforme abaixo citado.

A equipe responsável pelo estudo agradece sua disponibilidade e colaboração. Quaisquer dúvidas quanto à entrevista, ou ao estudo, poderão ser esclarecidas através dos e-mails:

- Rosilene Sessin de Fraga (mestranda): rosilene.fraga@hotmail.com.
- Professor Pedro Alexandre Costa (orientador): pcosta@ispa.pt

Declaro que li/ouvi todas as informações acima descritas e aceito participar voluntariamente do estudo.

Assinatura conforme cartão do cidadão

_____, ____ de _____ de _____

Anexo B

Carta de Devolução/ Esclarecimento Pós-Investigação

Paternidade: O lugar ocupado pelo pai nos cuidados e desenvolvimento da criança.

Muito obrigada por sua participação e todas as suas contribuições durante a entrevista. Vale relembrar que o estudo aborda a paternidade, o lugar ocupado pelo pai nos cuidados e desenvolvimento da criança. O objetivo é explorar características do exercício da paternidade, quanto à divisão de tarefas e responsabilidades, à percepção da importância da presença do pai, em comparação com a mãe, e à conciliação do pai com outras funções sociais que exerce, como trabalho, lazer, amigos, etc., e quanto à sua qualidade de vida e saúde.

Os dados recolhidos nas entrevistas servirão de base para o desenvolvimento do estudo, que fará parte da tese de mestrado e será apresentado ao júri do Instituto Superior de Ciências Psicológicas, Sociais e da Vida – ISPA. Os dados também poderão ser utilizados em publicações científicas, apresentações de congressos, assegurando o sigilo e a confidencialidade de todas as informações, além das questões éticas e deontológicas.

Qualquer necessidade que haja, decorrente da sua participação, estaremos em total disposição para apoiá-lo, assim como dúvidas relativas à entrevista ou ao estudo. O contato poderá ser feito através dos e-mails:

- Rosilene Sessin de Fraga (mestranda): rosilene.fraga@hotmail.com.
- Professor Pedro Alexandre Costa (orientador): pcosta@ispa.pt

Caso julgue necessário, também poderá recorrer ao serviço de aconselhamento psicológico integrado na linha telefónica do SNS 24, através do número 808 24 24 24. Maiores informações através do site: <https://www.sns24.gov.pt/guia/acoeselhamto-psicologico-no-sns-24/>. Vale destacar que se trata de apoio psicológico geral, não específico para pais.

Mais uma, vez muito obrigada por suas contribuições para o desenvolvimento de conhecimentos a respeito da Paternidade e da Psicologia.

Atenciosamente,

Rosilene Sessin de Fraga – Mestranda em Psicologia da Saúde pelo ISPA

Anexo C



Comissão de Ética de Investigação
ISPA - Instituto Universitário de Ciências
Psicológicas, Sociais e da Vida
Rua Jardim do Tabaco, 34,
1149-041 Lisboa
Telefone: (351) 218 811 700
Fax: (351) 218 860 954

I/049/03/2021

COMISSÃO DE ÉTICA

PARECER

Título do projeto: "Relações familiares, satisfação conjugal e conciliação família-trabalho em diferentes configurações familiares".

Investigador responsável: Pedro Alexandre Costa.

Instituição/Curso: ISPA- Instituto Universitário.

O protocolo do estudo apresenta objetivos relevantes. Foram descritos adequadamente os métodos e procedimentos a adotar e estes respeitam os direitos humanos e as recomendações constantes nos documentos nacionais e internacionais relativos à ética em investigação.

Assim, o parecer da Comissão de Ética do ISPA-Instituto Universitário é favorável à realização do estudo em epígrafe.

Qualquer alteração futura aos procedimentos descritos do estudo que possam colidir com os critérios éticos de investigação dos regulamentos acima referidos, exige uma reapresentação do pedido de apreciação a esta Comissão.

Comissão Ética do ISPA – Instituto Universitário

(Assinatura do Presidente da CE)

Lisboa , 21 de Março de 2021.